

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS (IFITEG)
CURSO DE TEOLOGIA**

ALEXANDRE SOUSA ALVES DA SILVA

**O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS:
UM CAMINHO DE REALIZAÇÃO DO SER HUMANO**

**GOIÂNIA
2021**

ALEXANDRE SOUSA ALVES DA SILVA

**O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS:
UM CAMINHO DE REALIZAÇÃO DO SER HUMANO**

Trabalho de Conclusão para a obtenção do diploma de graduação no Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG).

Orientador: Prof^a. Ms^a.: Isabel Ortega Pelarías

GOIÂNIA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALEXANDRE SOUSA ALVES DA SILVA

O Reino de Deus anunciado por Jesus: um caminho de realização do ser humano

Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação no Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), apresentado em e aprovado com a nota _____.

BANCA EXAMINADORA

1. Prof^a. Ms. Isabel Ortega Pelárias (Presidente/ IFITEG) _____
2. Prof. Me. Pe. Heverton Rodrigues (Membro/ IFITEG) _____
3. Prof. Me. Pe. Sílvio Rogério Zurawski (Membro/ IFITEG) _____

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que se empenham no anuncio do Reino de Deus, horizonte de vida para cada cristão e cada cristã. Dedico todas as pessoas que lutam para extirpar deste mundo, as forças do mal, que excluem sobretudo os mais fragilizados do caminho da libertação. Dedico aos que são apaixonados pela cristologia, sobretudo aos que tratam essa disciplina com zelo especial pois, por meio dela, é possível cultivar um amor ainda mais especial pelo Deus do Reino que se revela e se deixa encontrar na pessoa de Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por se manifestar de modo tão simples em na pessoa de Jesus. A minha mãe, Ana Alves de Sousa (in memoriam) que enquanto esteve neste mundo sempre me ensinou, com sua experiência de vida, a verdadeira essência do amor a Jesus. A minha orientadora pela dedicação e serenidade em me instruir nesta pesquisa, sobretudo por me fazer encantar ainda mais por Jesus com o fascínio com qual lecionou Cristologia. Aos professores que passaram por minha vida acadêmica, que contribuíram com minha formação teológica. Aos confrades da Congregação do Santíssimo Redentor, irmãos e padres, formadores e colegas de seminário, com quem compartilhei o dom da vida e da fraternidade. Aos meus familiares, por contribuírem com suas orações em meu caminho vocacional. A todas as pessoas que até hoje passaram por minha história, elas me mostraram que a vida aberta ao outros é um dom, sobretudo se vivida com o compromisso solidário tal como o de Jesus de Nazaré.

Me esforço por ser melhor a cada dia.
Pois bondade também se aprende.
(Cora Coralina)

RESUMO

SILVA, Alexandre Sousa Alves da. O Reino de Deus anunciado por Jesus: um caminho de realização do ser humano. Monografia-Curso de Teologia. Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), Goiânia, 2021.

O trabalho tem como objetivo apresentar o real significado do Reino de Deus anunciado por Jesus, como um caminho de libertação e salvação para o ser humano. Jesus, o enviado de Deus anunciou o Reino de Deus como libertação desde Nazaré até Jerusalém. O Reino, segundo a tradição do povo judeu, é o agir libertador de Deus em favor de seu povo, é o domínio de Deus sobretudo diante das situações injustas que escravizavam o povo judeu e geravam pecado. Jesus, mais do que anunciar o Reino, o revela através de seu agir. As curas, milagres, exorcismos, são os sinais de que pela ação de Jesus, o Deus do Reino estava presente no meio do povo. Contudo, segundo a nos narram os evangelhos, Reino ainda não se realiza plenamente aqui nesta terra. Desse modo, a missão de cada ser humano é atualizar ainda hoje no compromisso do seguimento a Jesus, o Reino de Deus. Os valores do Reino, a saber: a paz, a justiça, a solidariedade, a fraternidade, a libertação, atualizados por cada ser humano no hoje da história, mantém viva a esperança da realização plena do Reino de Deus num futuro escatológico.

Palavras-chave: Reino de Deus, libertação, ser humano, realização.

ABSTRACT

SILVA, Alexandre Sousa Alves da. The Kingdom of God announced by Jesus: a journey of fulfillment for the human being. Monograph-Course of Theology. Institute of Philosophy and Theology of Goiás (IFITEG), Goiânia, 2021.

The work has as objective to present the real meaning of the Kingdom of God announced by Jesus, as a way of liberation and salvation for the human being. Jesus, the one sent by God announced the Kingdom of God as deliverance from Nazareth to Jerusalem. The Kingdom, according to the tradition of the Jewish people, is God's liberating action on behalf of his people, it is God's domain above all in the face of unjust situations that enslaved the Jewish people and generated sin. Jesus, more than announcing the Kingdom, reveals it through his action. The cures, miracles, exorcisms, are the signs that through the action of Jesus, the God of the Kingdom was present among the people. However, as the Gospels tell us, the Kingdom is not yet fully realized here on this earth. In this way, the mission of every human being is to actualize even today in the commitment to following Jesus, the Kingdom of God. The values of the Kingdom, namely: peace, justice, solidarity, brotherhood, liberation, updated by every human being in the present of history, keep alive the hope of the full realization of the Kingdom of God in an eschatological future

Keywords: Kingdom of God, liberation, human being, achievement.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	Erro! Indicador não definido.
<u>1 JESUS: A MANIFESTAÇÃO DO AMOR DE DEUS</u>	Erro! Indicador não definido.
1.1 <u>JESUS NOS REVELA A VERDADEIRA IMAGEM DE DEUS</u>	Erro! Indicador não definido.
1.2 JESUS NOS MANIFESTA O AMOR DE DEUS ATRAVÉS DE SUA PRÓPRIA LIBERDADE	
1.3 A CRUZ, SINAL DA SOLIDARIEDADE DE DEUS COM O SER HUMANO	
<u>2 O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS: UM PROCESSO HISTÓRICO</u>	Erro! Indicador não definido.
2.1 <u>O JÁ E O AINDA NÃO DO REINO</u>	Erro! Indicador não definido.
2.2 <u>O DEUS DO REINO: A RELAÇÃO DE JESUS COM O ABBÁ-PAI</u>	Erro! Indicador não definido.
2.3 O REINO COMO GRAÇA	
2.4 A IRRUPÇÃO DO REINO DE DEUS COMO UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO	
<u>3 A REALIZAÇÃO DO SER HUMANO NA VIVÊNCIA DO REINO</u>	Erro! Indicador não definido.
3.1 <u>CRIADO POR DEUS PARA O REINO: A VOCAÇÃO UNIVERSAL DO SER HUMANO</u>	Erro! Indicador não definido.
3.1.1 A CONVERSÃO COMO UM CAMINHO PARA A VIVÊNCIA DO REINO	
3.2 O SER HUMANO CHAMADO A SER UM DOM PARA OS OUTROS, CONTINUANDO A MISSÃO DE JESUS	
3.2.1 A SOLIDARIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS	
3.2.2 APROXIMAR-SE DO DIFERENTE	
3.3 A PARTICIPAÇÃO NO SER DE DEUS: O HORIZONTE DE TODO SER HUMANO PARTICIPANTE DO REINO	
<u>CONCLUSÃO</u>	Erro! Indicador não definido.
<u>REFERÊNCIAS</u>	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

O Reino de Deus sinaliza o início de um novo tempo que, mesmo não tendo seu pleno cumprimento já agora, suscita em nós a esperança de viver a nova humanidade manifestada na vida, na pregação e na obra de Jesus Cristo. Embora o Magistério Eclesial inspire homens e mulheres de todos os tempos a aguardarem com esperança a plenitude do Reino num *eschatón*, é possível vivenciar e atualizar já hoje a mensagem do Reino: Deus é amor gratuito e age sempre em favor de seu povo.

Nesse sentido, este trabalho tem a intenção de levar fazer ressoar mais uma vez a belíssima mensagem do Reino de Deus anunciado por Jesus. É uma tentativa, mesmo que sem a pretensão de esgotar a discussão, levar a pessoa humana a acreditar na libertação das opressões: na luta entre o bem e o mal.

No primeiro capítulo, apresentamos de forma breve a encarnação de Jesus no seio da humanidade como uma manifestação do amor de Deus pela humanidade. Em sua vida e obra, Jesus nos mostra a face amorosa do Deus do Reino e ao mesmo tempo nos expressa os passos que devemos trilhar para viver com liberdade nossa relação com Deus. A obediência e a liberdade total de Jesus culminaram em sua morte violenta. Ao se fecharem à mensagem de Jesus, os judeus de sua época demonstraram o fechamento a novidade do Reino, no entanto, Jesus levou sua pregação sobre o Deus amoroso e misericordioso do Reino até as últimas consequências.

No segundo capítulo, expressamos em linhas gerais o que é o Reino de Deus anunciado por Jesus com sua pregação e ação. Jesus curando os enfermos, expulsando os demônios, afirma a soberania do Reino sobre qualquer opressão maldosa, anunciando concretamente a libertação. Os prodígios de Jesus, muito mais do que curas, eram sinais da proximidade de Deus com seu povo, e o anúncio de uma libertação, que deveria gerar a esperança em um Pai misericordioso que caminha lado a lado com a humanidade. Essa proximidade gera a libertação integral da pessoa

humana, mostrando o caminho novo que o Filho de Deus quer abrir. O Reino é libertação.

Por fim, já concluindo nosso trabalho, tentaremos sinalizar onde e como acontece a atualização do Reino de Deus no hoje de nossa história. O mundo secularizado e em crise de fé, vem perdendo sua crença no Deus do Reino. Todavia, o Reino chega ao mundo contemporâneo pelo anúncio da Boa Nova de Jesus, que é o seu Evangelho. Essa ação evangelizadora resgatou, nos homens e mulheres, sua condição de filhos e filhas de Deus. Por isso, o Evangelho é boa notícia, portadora da novidade do Reino anunciado por Jesus: libertação das condições de opressão.

O Reino não é algo longe, mas acontece hoje, na prática daqueles que fazem de sua vida o próprio Evangelho, a presença de Jesus no mundo. São os discípulos e discípulas de hoje, que atualizam a presença do Reino no mundo. O mundo de hoje é a nova Galileia, lugar onde estão os pobres, doentes, enfermos, pecadores, pessoas que ainda não conhecem Jesus de Nazaré e sua obra libertadora. Por isso a necessidade de que cada homem e mulher assuma sua ação evangelizadora e faça o Reino chegar ao meio em que atua.

1 JESUS: A MANIFESTAÇÃO DO AMOR DE DEUS

A fé Cristã nos ensina que a grande revelação do Deus bíblico que assume a condição humana na encarnação de Jesus de Nazaré tem por objetivo nos comunicar que Deus é amor (1Jo 4, 8). Sendo assim, ele só pode desejar o bem para seus filhos e filhas. Por isso ele não nos presenteou apenas com o dom da vida, mas garante-nos sua plenitude, que é revelada em Jesus de Nazaré, assim como nos mostram os Evangelhos. A humanidade criada e amada por Deus, encontra seu princípio e sua

plenitude na pessoa de Jesus Cristo, em quem “[...] esse amor salvador de Deus e sua solidariedade para conosco recebe sua forma histórica e física” (CTI, 1997, p. 29).

Neste sentido, é possível afirmar que Deus quis fazer parte da criação, marcando o mundo com sua presença. Com a encarnação de Jesus Cristo, o ser humano, além de compreender o sentido primordial da criação em sua totalidade (O'DONNELL, 2014, p. 56), descobre sua vocação sublime (GS,22), para a qual foi criado. “O entrelaçar de Deus e homem surge como o realmente decisivo, o salvífico, como o lídimo futuro do homem, para o qual, finalmente, todas as linhas devem convergir” (RATZINGER, 1970, p. 184). Jesus de Nazaré, além de revelar-se como Deus, revela também ao ser humano a sua verdadeira imagem

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efectivamente figura do futuro (20), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude. «Imagem de Deus invisível» (Col. 1,15) (21), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída (22), por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana (23), amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (24).(GS 22).

Ao assumir a criação como criatura (LADARIA, 2016, p. 47), Jesus se revela como a plenitude da obra de Deus, pois para Ele tudo se orienta. O papel da mediação de Cristo na criação-salvação é bem explicitado no hino cristológico da epístola aos Colossenses (1,15-20):

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. É a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz.

Jesus é preexistente a todas as coisas. Nele consiste a eleição pré-temporal do amor de Deus em referência à humanidade (Ef 1,4), uma vez que Jesus é a própria graça divina que acompanha os seres humanos desde o princípio: “[...] a graça de Deus é graça de Cristo; a graça de Cristo é Cristo mesmo dando-nos sua vida [...] capacitando-nos para viver, sentir, pensar e agir, como ele” (LA PEÑA, 1998, p. 61). Por este motivo, Jesus é a referência para a humanidade que busca a realização plena de sua vocação, porque Ele é o homem perfeito (GS,22) que, visitando a criação ferida pelo pecado, respondeu com fidelidade ao chamado de Deus por meio de uma correta orientação dos constitutivos humanos para a salvação do mundo. No entanto, a salvação do ser humano depende do alcance e da acolhida da mensagem de Jesus Cristo.

Na pessoa de Jesus essa mensagem de que a humanidade pode ser plena e realizada alcança seu ápice no anúncio do Reino de Deus. Esse Reino não está distante da humanidade, mas segundo as palavras do próprio Cristo, já se encontra entre nós (cf. Lc 17,21). O Deus do Reino e, conseqüentemente o Reino de Deus, temas centrais da pregação de Jesus, estarão presentes no segundo capítulo deste trabalho monográfico.

1.1 JESUS NOS REVELA A VERDADEIRA IMAGEM DE DEUS

Quando chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus seu Filho, nascido da mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que se achavam sob a lei e para que recebêssemos a filiação adotiva. A prova de que sois filhos é que Deus enviou a nossos corações o Espírito de seu Filho que clama Abbá, Pai! (Gl 4, 4-6).

A Fé Cristã que aprendemos pelo processo querigmático nos ensina que o Pai, por amor à humanidade, enviou seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo para realizar a obra misericordiosa da redenção. O amor de Deus pelos homens e mulheres é a única razão lógica pela qual o Pai, cheio de amor, enviaria o seu amado Filho ao mundo ¹: “*Eis como se manifestou o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivêssemos por meio dele*” (1 Jo 4, 9).

¹ Cf. LADARIA, Luis. *O Deus Vivo e Verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 56-57.

A habitação de Deus na história atinge sua plenitude na Encarnação. Encarnação em Jesus, o Galileu, o homem pobre de Nazaré, que é relatada de forma cálida e concreta por um versículo do prólogo do Evangelho de João: “*E a Palavra se fez carne e pôs sua morada entre nós*” (Jo 1, 44). A Bíblia espanhola traduz: “*E a Palavra se fez homem, acampou entre nós*”. São modos de expressar a mesma certeza: a habitação de Deus na história, que com a Encarnação atinge sua mais complexa realização. Mateus o ressalta assumindo a profecia de Isaías: Jesus é o Emanuel, o “*Deus conosco*” (Mt 1, 23). O Evangelho de João se empenha em transmitir a importância desse encontro (LADARIA, 2005, p. 57).

A Palavra (dabar), segundo o Evangelho de São João, se faz carne, (sarx) ou seja, assume a humanidade, sem que isso constituísse uma renúncia de sua divindade. Ao contrário, quando lemos o texto Paulino da carta aos Filipenses 2, 6-11, observamos que Jesus, O Verbo, aniquilou-se e assumiu a condição humana. É o grande mistério da Encarnação.

A teologia do Evangelho de São João revela a orientação total no envio exclusivo do Filho pelo Pai a um mundo que não conhece a plenitude da vida, o amor e a misericórdia.

Ora, sabemos que Jesus não se encarnou e tampouco assumiu a condição humana em nome de Si próprio: “*Eu não vim por mim mesmo, foi ele (Deus) que me enviou*” (Jo 8, 42). Assim, a encarnação ganha uma finalidade irrenunciável: Jesus veio ao mundo para salvar e libertar através de sua missão a humanidade inteira, sendo Ele mesmo o portador absoluto da salvação ².

A Palavra de Deus assumiu a carne, ossos e sangue humanos (e se fez homem) para iluminar os homens e mulheres no caminho do amor, da libertação e da salvação. A encarnação é a livre autocomunicação de Deus com o mundo, ou melhor, com homens e mulheres de todas as raças e línguas, povos e nações, para oferecer a salvação gratuita do amor de Deus ³.

O teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga afirma que

através da fé cristã, passamos a crer que Jesus Cristo é a chave última, mas não exclusiva, para as perguntas decisivas da vida humana. Ele é a síntese extraordinária de um homem que manifesta a majestade divina e, ao mesmo tempo, a plenitude da vida humana, superando sua própria fragilidade.

² Cf. MÜLLER, Ulrich B. *A Encarnação do Filho de Deus: concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 59.

³ Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 254.

Jesus de Nazaré é o próprio Deus que passeia pela paisagem cotidiana e tão diversa da Palestina. Não como uma divindade do tão conhecido panteão grego, que escraviza a humanidade, despeja os esplendores e a arrogância de sua onipotência sobre nós, mas como um ser humano comum que dá respostas aos grandes anseios humanos, que compartilha conosco de sua própria e tão singular humanidade. (1993, P.134)

O Novo Testamento nos revela o mistério da humanidade de Cristo a partir da profundidade de seu amor, da autoridade da sua Palavra, da generosidade da sua entrega ⁴. Para o Novo Testamento, Jesus é a verdadeira Imagem de Deus, porque “[...] há uma imagem de Deus mais fundamental do que a imagem própria do homem e a do reflexo inerente ao mundo das coisas criadas: é Jesus Cristo” (RUBIO, 2001, p. 191). Portanto, na pessoa de Jesus se revela a verdadeira Imagem de Deus, conforme nos diz São João em seu Evangelho “quem me viu viu o Pai” (cf. Jo 14, 7-14) esta é a novidade do Novo Testamento: Jesus nos revela a imagem verdadeira de Deus pois

bem sabemos que o Filho revelador é a Palavra ou o Verbo de Deus, distinto do Pai, mas plenamente humano e divino (cf. Jo 1,1ss), e que este Verbo divino se fez homem fraco (o termo grego *sarx*, traduzido por *carne*, significa em João o homem inteiro, mas ressaltando a condição de fraqueza.) No homem Jesus de Nazaré, homem entre os homens, participando da limitação e da fraqueza humanas, “provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4, 15), nós encontramos a revelação de Deus, ou melhor, encontramos a Deus mesmo (RUBIO, 2019, p.77)

Além de encontrar na pessoa de Jesus o próprio Deus, em Jesus Cristo o ser humano encontra a verdadeira humanidade, bem como o exemplo que deve ser seguido no que diz respeito às suas relações, pois “a relação com Deus, as relações entre os homens, a relação entre homem e o mundo criado desenvolvem-se, em Jesus Cristo, em conformidade com o desígnio salvífico de Deus” (RUBIO, 2001, p. 185).

A relação de Jesus com Deus se manifestou, especialmente, na invocação *Abba* (Mc 14,36), que indicava a familiaridade de um Filho para com o seu Pai. Essa novidade da filiação divina de Jesus o levou a considerar a todos como irmãos, (Mt 23,8-9), abrindo o caminho para uma convivência humana mais fraterna, porque manifestou verdadeiramente o amor de Deus sem exclusões de qualquer natureza.

⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a Cristologia: sondagens para um novo paradigma*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 20.

Jamais excluiu pagãos nem romanos, nem samaritanos nem pessoas dos povos limítrofes às fronteiras de Israel. Tampouco excluiu os pecadores, com os quais comia e convivia habitualmente. Não excluiu (na cultura machista) mulheres, fosse qual sua conduta ou seu reconhecimento social. Não rejeitou os publicanos injustos e colaboracionistas com o poder opressor do império. Nem sequer excluiu Judas de seu grupo mais íntimo (CASTILLO, 2015. P.83).

Em toda a sua experiência que fez de Deus, segundo a tradição bíblica, Jesus experimentou um Deus que é próximo e que caminha com o seu povo. Essa experiência é possível vislumbrar nas relações de Deus desde o Antigo Testamento, quando quis libertar o povo da escravidão do Egito, quando falou a Israel pelos profetas e, agora, se manifesta na relação íntima de Jesus com o Pai. A quem Jesus chama de ABBÁ-PAI. **(nota de rodapé sobre o termo hebraico)**

Diferente do que uma parte da tradição de Israel carregava consigo, Deus não era uma entidade vingativa que castigava a desobediência de seus filhos com as diversas enfermidades e pestes que acometiam Israel, quando seu povo se afastava de Deus. Jesus nos mostra que Deus é próximo, misericordioso, acolhedor e, sobretudo, solidário, até mesmo nas situações mais angustiantes de seu povo.

Por muito tempo, o misterioso tetragrama sagrado, cujo povo de Israel nutria grande receio de pronunciar (YHWH) lembrou sempre a distância do Mistério infinito de Deus e a humanidade. Contudo, quando acompanhamos a experiência de proximidade de Jesus com Deus, observamos a maneira carinhosa e espantosamente próxima com a qual se dirigia ao Pai, o chamando pela expressão Abbá.

Na boca de Jesus a invocação singular de Deus como Pai, em contraposição ao tetragrama YHWH, conjuga e declina uma Presença que se faz, no coração humano, proximidade, intimidade e interioridade sem limites: *“sede perfeitos (no amor) como vosso Pai celeste é perfeito”* (cf. Mt. 5, 4); *“Quando quiseres orar, entra em teu quarto mais retirado, tranca a tua porta, e dirige a tua oração ao teu Pai que está ali, no segredo. E teu Pai, que vê no segredo, te retribuirá”*(cf. Mt. 6,6) ; *“orai assim: Pai nosso, que estás nos céus”* (cf. Mt. 6,9).

Observa-se que a intimidade de Jesus a ponto de chamar a Deus de Abbá, o equivalente à expressão “papai querido” para os judeus, surge da confiança total que nutria por Deus. Aliás, confiança e obediência, vividas sob a ação do Espírito. Tamanha era a confiança de Jesus em Deus que aceitou livremente as consequências dolorosas desse jeito diferente de anunciar a sua relação com o Pai.

No evangelho de João, por exemplo, podemos constatar essa confiança em Jesus mediante seu agir: *Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é válido, porque sei de onde venho e para onde vou [...] se eu julgo, porém, o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou* (Jo 8 14-16).

A vida de Jesus foi uma entrega total, de pura confiança a Deus, pondo-se numa atitude de disponibilidade incondicional. Tudo que fazia, fazia-o animado por essa atitude genuína, pura, espontânea e de confiança no seu Pai. Procurava sua vontade sem receio, calculismo nem estratégias. Não se apoiava na religião do templo nem na doutrina dos escribas nem nas tradições de Israel (PAGOLA, 2008, p.323).

Desse modo, podemos afirmar que se Deus é comunicado através da vida de Jesus, tal comunicação é uma resposta livre e profunda de amor, assumida e vivida por Jesus Cristo em plena comunhão de espírito com o Pai, em quem o próprio Jesus depositava toda a sua confiança, “o amor de Deus pelos homens é a única razão desse envio do seu Filho ao mundo: eis como se manifestou o amor de Deus em nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivêssemos por meio dele”(LADARIA, 2005, p.62).

A confiança de amor e fidelidade, portanto, vivida na intimidade com o Pai, Jesus não só a realiza como sendo algo exclusivamente pessoal, mas a comunica a todas as pessoas, assim como nos diz o Evangelho de João: manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. A intimidade que Jesus tinha com Deus era possível também para todos. Ora, Jesus ensina aos seus que para se dirigir a Deus, digam Pai Nosso

Ao manifestar essa intimidade com o Pai, Jesus nos mostra que através dessa intimidade, todo o seu agir era um agir do próprio Deus. Deus habitava e permanecia com Jesus, assim como Jesus estava em Deus. Por isso, nota-se que toda ação de Jesus não buscava outro propósito a não ser revelar e comunicar aquele que o enviou.

Através dessa intimidade de Jesus com Deus, Jesus revela que seu agir é o agir do próprio Deus.

1.2 JESUS NOS MANIFESTA O AMOR DE DEUS ATRAVÉS DE SUA PRÓPRIA LIBERDADE

Ao se reconhecer como filho e estabelecer relação tão íntima com Deus a ponto de chamá-lo de forma tão carinhosa, tal como vimos no tópico anterior, Jesus nos mostra outra faceta de sua vida. Jesus tinha consciência de que Deus o convidava a participar de uma comunhão com ele. Contudo, essa comunhão era estabelecida através da liberdade.

É necessário ter consciência de que Jesus de Nazaré, anunciador da libertação trazida pela imediata ação do Deus do Reino, viveu em si mesmo uma profunda liberdade. A liberdade é uma característica fundamental da vida de Jesus. Ela fundamenta sua relação de obediência a Deus e sua abertura incontestável com seus interlocutores, e foi o que permitiu a Jesus agir de forma tão próxima dos fragilizados de sua época, se posicionar de maneira autêntica frente as autoridades religiosas e políticas de seu tempo, e até mesmo de ter a ousadia de chamar Deus de *Abbá-Pai* (cf. Mc 14,36; Mt 26,39).

Nos Evangelhos, vemos o agir libertador de Jesus através da pregação do Reino. Ao mesmo tempo, observamos a postura livre de Jesus ao denunciar o real objetivo da lei do *shabbat* (cf. Mc 2, 27-28) e, em diversas vezes confrontar os mestres da lei e os fariseus sobre as interpretações equivocadas acerca da *Torah*, a expressão da vontade de Deus para o povo judeu.

Desde cedo, os judeus aprendem que a lei é o verdadeiro caminho para alcançar a plena comunhão com Deus. Jesus, sem abolir aquilo que há séculos ensinava a lei mosaica, mostrou-se livre e desprendido diante das leis que oprimiam o ser humano. Seguramente Jesus vivia e respeitava os ensinamentos da *Torah* como um exímio judeu, mas vivia-a com muita liberdade (cf. Mt 12, 9-14; Lc 13, 10-17; Jo 5, 9). Ao se pronunciar sobre a lei do sábado

Jesus vive o descanso sabático em sua significação profunda, libertadora, enquanto a casuística aplicada ao sábado é mais uma corrente que escraviza o ser humano. É Jesus, e não seus detratores, quem vive o sentido mais genuíno do sábado. Jesus assume e supera a *Torá*, levando-a à sua plenitude, sempre em função da novidade da chegada do Reino (cf. Mt 5,17ss) (RÚBIO, 2016. P.55).

Obviamente o objetivo de Jesus não era instituir uma lei que substituísse a do Sinai. Contudo, Jesus mostra um novo modo de viver uma instituição tão cara aos Judeus. É um novo modo de ser. Conforme capítulo 5 do Evangelho de Mateus, vemos a bela narrativa do *sermão da montanha*, na qual Jesus afirma a seus interlocutores

que as relações com Deus e com os demais, devem se basear na liberdade e na gratuidade, de ser expressão da vontade livre da pessoa humana, e não mera obrigação externa, como a lei mosaica.

À exemplo da interpelação feita por Jesus sobre o *shabbat*, no sermão da montanha

vemos um novo modo de ser, adentrado pela experiência da gratuidade com que somos amados pelo Deus do Reino. Esta experiência torna possível pagar o mal com o bem, amar o próximo com um pouco de gratuidade, superando as relações comercializadas e até mesmo orientadas pela mera reciprocidade (RUBIO, 2016. P.56).

Percebe-se que em Jesus de Nazaré, a liberdade de ação teve consequências concretas. Compaixão, misericórdia, aproximação foram algumas das atitudes que, movidas pela liberdade interior de Jesus, se tornaram programa de vida do Nazareno. Sendo assim, Jesus de Nazaré é um exemplo de ser humano livre e plenamente realizado em sua liberdade, pois se compreende sua história a partir da liberdade. Sem liberdade, a dignidade da vida fica comprometida e abalada. A liberdade exerce um papel fundamental sobre o significado verdadeiro da vida humana e, por isso, deve ser buscada e vivenciada em toda sua intensidade.

Em suma, a liberdade assumida por Jesus manifesta o verdadeiro sentido da liberdade para o ser humano. Essa verdade não é uma mera conclusão intelectual, mas produz seus efeitos concretos na existência humana, uma vez que na pessoa de Jesus Cristo se encontra a plenitude da revelação de Deus. Este, por amor, deseja que a humanidade viva sua verdadeira liberdade como fez o Filho, o que conduz nossa reflexão às consequências dessa realidade no existir humano. Deve levar o ser humano a compreender que toda liberdade é entregar-se aos outros como sinal de amor.

No mais profundo da liberdade, Jesus se coloca como o homem totalmente livre por amor, totalmente orientado para o Pai e para os outros. Ele dá testemunho de que ninguém é tão livre como aquele que está livre da própria liberdade em razão de um amor maior. Livre de si ele vive para o Pai e para os outros: esta é a sua opção fundamental, que faz dele verdadeiramente 'um homem livre' (FORTE, 1985. P.250).

Contudo, essa livre opção de Jesus pela obediência a Deus, doando-se aos outros, se radicalizou na oblação de sua vida na cruz. Ele, vivendo plenamente sua vocação, assumiu todas as consequências do seu "sim" a Deus, confiando em sua graça até o fim. "Por isso, apesar de tudo, Jesus não morre desesperado: na ponta

decisiva de sua liberdade, no extremo mais profundo de seu coração, permanece a confiança inquebrantável: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”(Lc 23,46)” (QUEIRUGA, 2005, p. 184).

1.3 A CRUZ, SINAL DA SOLIDARIEDADE DE DEUS COM O SER HUMANO

Segundo a narrativa da paixão, segundo o Evangelho de Marcos, Judas conduz uma força militar para prender Jesus, que se entrega com a explicação: “*Se cumpriram --as Escrituras*” (Mc 14, 43-50). Deu-se então início ao emblemático processo da crucificação e morte de Jesus. Tanto para Marcos como para os demais Evangelistas, a paixão não é o fim da atividade de Jesus como homem terreno, mas a coroação de uma vida dedicada em favor do anúncio do Reino até as últimas consequências.

Conforme os Evangelhos, a partir de certo momento da sua existência terrena Jesus começou a ter consciência que seria vítima de uma morte violenta, tal como percebe-se nos três anúncios da paixão, normalmente assim chamados, que começam com a confissão de Pedro e se encontram em Mc 8, 31 ss., 9, 21ss., e 10, 33 ss.

É possível também perceber que Jesus foi, aos poucos tomando consciência de seu destino quando se refere ao assassinato dos profetas como um fato que prefigurava o seu próprio destino (Lc 11, 47-49). “A parábola dos vinhateiros homicidas, no qual, o Filho do dono da vinha, último enviado acaba torturado e morto também segue a mesma ideia, Jesus se referia a sua morte violenta (Mc 12, 1-9)”(JEREMIAS, 2012, p.87). Na vigília de sua morte, a agonia no jardim das Oliveiras exemplifica de maneira extraordinária sua livre obediência à vontade do Pai.

Ainda hoje, teólogos do mundo inteiro protagonizam debates acalorados sobre as causas da morte de Jesus. Normalmente, três aspectos se expressam como responsáveis pelo fim de sua vida, segundo Theissen e Merz, a saber sua posição crítica perante a Torá, sua crítica ao templo e os aspectos explosivos de sua pregação (2015, P.494).

Para Rubio

A partir da crise da Galiléia, Jesus foi percebendo, cada vez mais claramente, que sua morte seria violenta. A oposição dos defensores do status quo religioso e social foi ficando cada vez mais acirrada. A sua acusação de blasfemo pela qual foi condenado pelo sinédrio(cf. Mc 14, 60-64) vinha de

longe. Segundo Marcos, surge já no início de sua vida de pregador (cf. Mc 2, 7).

Ora, todas essas consequências eram óbvias para Jesus, pois o Deus que anunciava era muito diferente do Deus anunciado no Templo pelos escribas e fariseus: “de um lado, o Deus da misericórdia e do perdão, o Deus que escolhe os marginalizados para fazer parte do Reino e rejeita os “puros” e “piedosos”; de outro, o Deus da comercialização e da dominação, o Deus que sacraliza estruturas e situações injustas” (RUBIO, 2016. P.92). A conclusão a que chegam os opositores de Jesus não seria outra: ele é um blasfemo! (cf. Jo 10, 31-42).

Jesus certamente não desejou a própria morte. Contudo, a aceitou de forma passiva, mas permanecendo firme na sua opção fundamental – obediência ao Pai - até o fim. Entregou-se livremente, conforme narra o Evangelho de João: *“a minha vida, ninguém a tira de mim, eu a dou por mim mesmo”* (Jo 10,15). Fica claro que Jesus não procurou sua morte deliberadamente ou diretamente, mas seguiu seu ministério até o fim, mesmo sabendo de todos os riscos que corria, porque era necessário que a humanidade conhecesse a plenitude do amor de Deus, mesmo que isso lhe trouxesse consequências tão violentas.

É perplexo imaginar que em sua ousada intenção de iluminar a humanidade sobre a proximidade do Reino, Jesus tenha sofrido o pior dos destinos. Para muitos, a cruz tornou-se escândalo, demonstrando de certa forma o fracasso da missão de Jesus. Contudo, as comunidades cristãs procuraram, após a Páscoa e Pentecostes, explicações para a morte violenta de Jesus. Era necessário irromper com a ideia do fracasso da cruz, que em si mesma, é apenas maldição.

A partir da fé na ressurreição, os primeiros cristãos compreenderam que a cruz foi o ápice de toda a vida de Jesus, pautada pela salvação⁵. A Cruz, tornou-se símbolo de salvação por causa de vida de Jesus, e não por ter valor salvífico em si mesma. Para Rubio, “a cruz é salvadora porque constitui o resumo e a radicalização máxima da entrega de Jesus, vivida durante toda a sua vida” (2016, P. 96). É mais uma prova

⁵ Neste trabalho, salvação se equipara ao comprometimento com o reino e, a partir desse compromisso colocá-lo em prática na medida do que Jesus fez.

do insondável amor que Deus Pai nos manifesta na vida de seu Filho, Jesus Cristo. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Ora, já dissemos anteriormente que Deus é amor que se doa. A criação é o derramar-se do amor de Deus. Na encarnação, o Amor sai dos âmbitos da vida intratrinitária para assumir a carne humana em todas as suas vicissitudes. Jesus, o Filho de Deus, dá sua vida pelo mundo: “*Não há maior prova de amor que dar vida por alguém*”. O sacrifício de Cristo é dom máximo e perfeito de Cristo pelo mundo, entrega absoluta de Si mesmo para reconciliação da humanidade com Deus ⁶. “*Deus é amor*” (1 Jo 4, 8.16).

A vida terrena de Jesus encontrou o seu fim da forma mais trágica possível, pois, totalmente oposta ao serviço prestado em favor da salvação do mundo: em uma cruz, rejeitado pelos homens. Jesus morre, “e morre não por submeter-se gentilmente a uma lei biológica da qual a divindade estaria, por princípio, isenta: *morre porque o matam*” (LA PEÑA, 1998, p. 88, grifos do autor). Neste sentido, a vida de Jesus Cristo, como a graça de Deus que se encarnou no mundo, não é acolhida pelos homens.

O contraste da morte de Jesus não deve ser compreendido como um ato salvífico separado de sua vida, pois

[...] a existência de Jesus foi toda ela salvífica, porque foi uma existência de entrega, em que a morte não é um fato isolado, mas a culminância lógica de um processo vital coerente, inteiriço. A morte de Jesus é sacrifício de uma maneira não exclusiva, mas inclusiva, *pois isto também foi sua vida* (LA PEÑA, 1998, p. 82, grifos do autor).

A morte de Jesus na cruz, portanto, é a radicalidade de uma vida que comunica, unicamente, o amor solidário de Deus pela humanidade e pelo mundo criado, ou seja, a salvação. Nas palavras de Ratzinger (1970, p. 235), a cruz surge “[...] como expressão do radicalismo do amor que se doa totalmente, como o episódio no qual alguém é aquilo que faz e faz o que é; como expressão de uma vida que é completamente ser-para os outros”. Assim sendo, na cruz a situação de não-salvação é superada, porque ela se torna o maior sinal da abertura de um ser humano ao amor salvífico de Deus, já que “a cruz [...] é um produto terrível do pecado, se a encaramos

⁶ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999. pp. 100-101.

da perspectiva humana; e é manifestação do amor levado até as últimas consequências, se a olharmos da perspectiva de Cristo” (QUEIRUGA, 2005, p. 181).

Está claro, até aqui, que a mediação universal de Jesus Cristo tem em vista toda a criação e, conseqüentemente, a salvação. Para Rubio (2001, p. 182), “mediação na salvação e mediação na criação são os dois aspectos da função mediadora universal de Jesus Cristo”. Assim, a cruz tem uma dimensão cósmica que abraça o tempo e a história. Por meio dela, não apenas a existência humana encontra a plenitude tão desejada, mas também a criação, que sofre as conseqüências do pecado humano como as dores de um parto (Rm 8,22).

A cruz não elimina a história nem a criação de Deus. Condena, sim, a história guiada pelo poder dominador e destruidor e o abuso na utilização do mundo criado, apontando a causa de uma tal perturbação e indicando qual é o tipo de existência que constrói uma história diferente e uma relação nova com esta criação de Deus e *nesta* história dos homens (RUBIO, 2001, p. 187, grifos do autor).

Essa história diferente já começa aqui, neste mundo, com a colaboração de cada pessoa humana que se abre ao mistério da cruz. Por sua vez, a nova relação transmitida pela pedagogia da cruz de Cristo inaugura um novo tempo, no qual o ser humano transcenderá sua existência finita, bem como sua própria história, participando, plenamente, do ser de Deus, da mesma forma que ocorreu com Jesus. À vista disso, o destino humano encontra em Cristo a sua plena realização, justamente porque Ele “[...] abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus, soberanamente, o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome [...]” (Fl 2,8-9).

Porquanto ser o homem para os outros, o homem aberto e, com isto, o homem a inaugurar um começo novo denota: ser o homem em oblação, o homem sacrificado. O futuro do homem está pendente da cruz – a salvação do homem é a cruz. E não há outro caminho para chegar a si, senão deixando forçar as grades da existência, olhando para o homem de coração atravessado (Jo 19,37), seguindo aquele que, como o perfurado, aberto, abriu o caminho para o futuro (RATZINGER, 1970, p. 196).

Em síntese, a vida e morte de Jesus nos ensinam que é possível viver a salvação nesta terra, quando se rompe com o pecado, vivendo a verdadeira liberdade e entregando-se ao amor de Deus (QUEIRUGA, 2005, p. 193). Contudo, a caminhada mundana do ser destinado à salvação encontrará sua plenitude quando Jesus Cristo

entregar ao Pai uma criação redimida (O'DONNELL, 2014, p. 55). Trata-se da “nova criação” inaugurada pelo anúncio escatológico do Reino de Deus anunciado por Jesus.

No capítulo seguinte, nossa intenção será apresentar de maneira geral os dois grandes amores da vida de Jesus, a saber, primeiramente, o Deus do Reino, a quem Jesus chamou de Abbá-Pai. Em segundo, o Reino de Deus, revelado pela pregação, obras e ações de Jesus.

2 O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS: UM PROCESSO HISTÓRICO

Logo no início do Evangelho de São Marcos é possível perceber o conteúdo central da pregação de Jesus: “*Depois que João foi preso, Jesus se dirigiu à Galileia. E proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: completou-se o tempo. Chegou o Reino de Deus. Converti-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1, 14-15). Desde o início

de sua vida pública, tal como a conhecemos pelos Evangelhos, Jesus pregou o Reino de Deus como uma esperança de salvação, uma Boa Nova para o povo, um anúncio de esperança para o povo que se encontrava oprimido e marginalizado.

O Reino de Deus tema central da pregação de Jesus, ficou esquecido por muitos séculos tanto pela cristologia quanto pelos concílios da Igreja. Diante dessa realidade houve a necessidade de resgatar a discussão acerca desse tema, o que gerou frutos como o florescimento de uma espiritualidade cristã mais semelhante e comprometida ao seguimento de Jesus.

Todavia, o resgate do Reino de Deus como garantia de uma existência humana digna e fraterna se manifesta a nós como um grande desafio, pois a sociedade atual se encontra diante de graves enfermidades que geram situações de não-vida, contrariando o projeto bondoso do Deus de Jesus Cristo. Esse mesmo Deus se revelou ao seu povo desde o Antigo Testamento como criador e libertador quando, acompanhando o povo de Israel, libertou-o da opressão, conferindo a ele a dignidade de vida. Israel trazia em si uma expectativa da instauração do Reino que Jesus mais tarde vai atualizar. Jesus relembra a Israel que Deus está sempre ao lado dos fracos e oprimidos.

2.1 O JÁ E NÃO AINDA DO REINO

Realidade central e totalizante da pregação de Jesus, o Reino de Deus é o princípio-chave para organizar de forma coerente sua vida e missão. Ao pregar o Reino de Deus, Jesus não anuncia uma realidade totalmente nova, pois a afirmação da realeza de Javé perpassa toda a história de Israel e é um modo de afirmar que Deus atua na história em favor de seu povo. Reino de Deus não é, portanto, uma realidade geográfico-política, embora expresse a esperança de um povo concreto, nem uma realidade cultural-ascendente, embora Israel reconheça, nas expressões litúrgicas, que Javé é seu único rei. É sobretudo o domínio definitivo de Deus sobre toda a criação.

Portanto, o reinado de Deus não é um conceito espacial nem estático, mas um conceito dinâmico. Significa a soberania real de Deus em ação, primeiramente como oposta à soberania real humana, mas também a seguir

como oposta à soberania no céu e na terra. Sua marca principal é que Deus está realizando o ideal da justiça real, sempre ansiado, mas nunca cumprido na terra. (...) a justiça real não consistia primordialmente numa aplicação imparcial do direito, mas na proteção que o rei estende aos desamparados, fracos e pobres, às viúvas e aos órfãos (JEREMIAS, 2008. P. 162)

Jesus participa das esperanças de seu povo, situa-se na encruzilhada do tempo e na continuidade da história e, ao mesmo tempo, oferece sua própria visão de Reino de Deus. Inicia sua vida pública convidando a segui-lo e relaciona este apelo, na primeira etapa de sua vida, à pregação do Reino e, na segunda, à reação contra o antirreino. Ele não só espera a vinda do Reino de Deus, mas afirma que está próximo, que não é só objeto de esperança, mas de certeza.

É importante ressaltar que essa ideia de Reino de Deus não se apresentou como uma novidade para o povo de Israel. A esperança de um reinado de Deus, estabelecido por um messias para praticar o direito e a justiça, já está presente no Antigo Testamento, como afirma Rubio (2003, p. 36): “no Antigo Testamento está presente a expectativa do reinado de Iahweh, especialmente sobre Israel, embora não apareça em suas páginas a expressão ‘Reino de Deus’”. Segundo Theissen e Merz

em sua pregação do Reinado de Deus, Jesus revitaliza a tradicional metáfora israelita do rei no contexto de uma expectativa apocalíptica modificada. Metáfora do rei e apocalíptica são dois pressupostos na história das religiões para a pregação escatológica de Jesus (2002, p. 269).

Nessa perspectiva, a concretização presente desse reinado de Deus seria, para o povo de Israel, a Jerusalém pós-exílica liberta de toda opressão. Em Jesus, porém, a esperança do Reino abandona seu caráter exclusivo para incluir toda a humanidade. Trata-se do chamado universal à participação do banquete do Reino. Todos os povos são convidados: homens e mulheres, crianças e anciãos, ocidentais e orientais. Assim afirma o Magistério da Igreja:

Todos os homens são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel, este Reino messiânico está destinado a acolher os homens de todas as nações. Para ter acesso a ele, é preciso acolher a palavra de Jesus: *Pois a palavra do Senhor é comparada à semente semeada no campo: os que a ouvem com fé e são contados no número da pequena grei de Cristo receberam o próprio Reino; depois, por sua própria força, a semente germina e cresce até o tempo da messe (CIC § 543).*

Mas o que se entende por Reino de Deus? Como ele se manifesta? Rubio (2003, p. 37) responde a esses questionamentos de modo simples e compreensível:

O Reino de Deus implica um mundo novo em que o mal e o sofrimento são vencidos; um mundo novo onde prevalecem a justiça, a fraternidade e a paz. A imagem do paraíso talvez seja a mais indicada para ilustrar o que seria a novidade do Reino de Deus. A harmonia com Deus propicia relações dialógicas entre os seres humanos, um relacionamento responsável entre estes e o meio ambiente, bem como uma relação de cada ser humano consigo próprio, vivida na verdade e na sinceridade.

O Reino de Deus, portanto, é uma realidade em que não existe a dor nem o sofrimento, que são sinais de negação da vida humana, mas se manifesta por meio de relações que potencializam a vida, a dignidade e a liberdade da pessoa humana. A harmonia com Deus, com as criaturas (meio ambiente) e consigo mesmo garante ao ser humano a realização integral de sua existência. Por esse motivo afirma-se que o Reino de Deus é a realização plena do humano, pois é sinônimo de plenitude de vida.

Jesus anunciou o Reino em uma dupla perspectiva. Em sua mensagem é evidente a atuação do reinado de Deus no futuro, mas que pode ser vivenciado já neste mundo, pois o Reino está no meio de nós (Lc 17, 20-21). Essa aparente tensão é conhecida na teologia como o “já” e o “ainda não”. Dito em outras palavras, é possível ao ser humano experimentar a comunhão que o conduz à sua realização já na história de sua existência concreta, quando se vivencia a fraternidade, a justiça e a paz (*já*). Contudo, essa realização se dará sempre de modo limitado, pois a consumação plena do Reino de Deus ocorrerá em uma vida futura, em uma dimensão escatológica (*ainda não*).

Esta é a intervenção decisiva de Deus que todo o povo estava esperando. Trata-se de uma novidade que se pode captar já desde agora. Deus começa a fazer-se sentir. Jesus não fala como seus contemporâneos, da futura manifestação de Deus, mas que o Reino já chegou. Está aqui. Segundo Jon Sobrino, (2010, p.119) pode-se dizer em linguagem sistemática que “Jesus tem a audácia de proclamar o desenlace do drama da história, a superação, finalmente, do anti-reino, a vinda inequivocamente salvífica de Deus. E os sinais que acompanharam suas palavras mantiveram essa esperança.”

É possível compreender a expectativa da já existência do reinado de Deus e da expectativa de sua realização plena, sobretudo nas parábolas de Jesus. Em uma delas, Jesus compara o mistério do Reino de Deus a uma semente de mostarda

Como iremos comparar o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, o qual, quando é semeado na terra, sendo a menor de todas as sementes da terra, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra (Mc 4, 30-32).

O Reino de Deus, nas palavras de Jesus, é como um grão de mostarda, uma realidade que já está presente na história do mundo e na história pessoal de cada indivíduo. Entretanto, sabemos que a semente de mostarda precisa ser semeada, cultivada e assim, quando crescer, tornar-se árvore, produzir frutos e, finalmente, atingir a maturação. Quando os frutos estiverem maduros, o processo atingiu sua totalidade. O mistério do Reino como Jesus o explica na parábola acima supracitada é semelhante. O Reino já existe entre nós, mas deve passar pelo longo processo que vai da germinação até a maturação. Nas palavras de Schillebeeckx

O Reino de Deus não é outro mundo não-terreno, mas a consumação do reestabelecimento deste nosso mundo esfacelado. Daí a hodierna experiência de homens que, no seguimento de Jesus, põem sinais fragmentários do reino de Deus neste nosso mundo, com base em esperança firme fundada em Jesus, num Reino de Deus um dia consumado (2003, p 176).

Há, portanto, no ser humano uma semente de amor, de vida e de santidade. Existe a presença de Deus, uma potencialidade de vida e de amor verdadeiramente divina, entretanto, trata-se de uma sementinha de mostarda, que além de pequena, necessita de um longo tempo para atingir a maturação. Quando essa força de amor existente no ser humano atingir a maturidade, o Reino de Deus se realizará plenamente nele. Essa realidade é o *já* do Reino de Deus; algo concreto na existência humana, uma realidade que se experimenta em nível individual e coletivo.

É possível já observar os sinais do Reino acontecendo em muitas situações da vida: na Igreja, que continua a anunciar o Evangelho e a salvação/libertação, nas obras de caridade, nas práticas de solidariedade e amor, no serviço missionário, em

entidades que defendem a vida e, principalmente, na fé das pessoas. Em nível individual, notamos os sinais do Reino no testemunho de inúmeras pessoas que seguem e amam Jesus Cristo generosamente.

Os germens do Reino estão escondidos no silêncio do mistério de cada homem e de cada mulher nas mais diversas culturas, etnias e religiões da terra, assim como é presente na história do mundo, no meio das ambiguidades e contradições latentes de cada época. O mistério do Reino de Deus cresce silenciosamente à semelhança da semente lançada à terra pelo agricultor.

O processo de germinação e de crescimento da semente não depende do semeador que a semeou; igualmente acontece com o Reino, o seu crescimento no mundo e nas pessoas independe das contradições pessoais e sociais, porque se trata de uma realidade transcendente que independe das forças humanas. Constatamos com alegria e esperança que, no decorrer da história, esse mistério vai crescendo (JEREMIAS, 1980, P. 81).

A realização definitiva do Reino de Deus se dará numa dimensão escatológica. O Reino de Deus não é uma realidade humana, fruto da razão ou dos méritos humanos; como a própria definição revela, trata-se de algo transcendente na vida que imana dos seres humanos. O cristianismo vive na esperança da vinda do Reino, enquanto realização do futuro definitivo de Deus. A realização plena do Reino se dará na segunda vinda de Cristo, portanto, no Escatón definitivo, onde Cristo, o Senhor da história, levará ao cumprimento absoluto do Reino ⁷.

Quando falamos do futuro de Jesus Cristo entendemos aquilo que geralmente é designado como parúsia de Cristo ou retorno de Cristo. O termo parúsia não significa propriamente o retorno de alguém que se afastou, mas chegada iminente. Parúsia também pode significar presença, não uma presença a qual amanhã já terá passado, mas a presença que ainda será hoje e amanhã, a presença do que vem a nós, por assim dizer, um futuro que vem chegando (MOLTMANN, 2005, P.285).

O reinado de Deus determina o presente por exigir do ser humano uma decisão; de um jeito ou de outro, como eleito ou como rejeitado. Por outro lado, o reinado de Deus é futuro absoluto, porque não é uma entidade metafísica, esse futuro de Deus já existe no presente. O futuro do Reino, aquilo que será realizado na

⁷ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 154.

segunda vinda de Cristo, é justamente o que a teologia define como o *não ainda* do Reino de Deus⁸.

A promessa de *lahweh* do Antigo Testamento atinge sua forma definitiva em Cristo. Com Jesus, na sua morte e ressurreição a promessa atinge sua plenitude. Vivemos o *já* da promessa, mas caminhamos para o *não ainda* da promessa. O futuro de Deus em Jesus Cristo é a realização plena da promessa na *parusia*.

Com toda sua vida, palavras e ações, o Nazareno expressou sua fé em um Deus que age em favor dos fracos e, ao mesmo tempo, revelou a imagem de um criador misericordioso que afirma o ser humano em todas as suas possibilidades. Isso demonstra que Reino e Jesus são duas coisas diferentes. Estas, mostraram que o Reino futuro, já estava simultaneamente presente. Como citamos no início deste tópico, Jesus sempre fez referência à atuação do Reino já no presente, no agora da história, muitas vezes recorrendo ao uso de parábolas. (Mt 13, 4-8 e 18-23: a parábola do semeador; Mt 13, 24-30 e 36-43: a parábola do joio; Mt 13, 31-33: a parábola do grão de mostarda e do fermento.

Todas as obras de Jesus foram manifestadas como sinais do Reino em que o amor é a medida de todas as coisas. A defesa dos mais fracos e a garantia de suas vidas são esforços evangélicos na luta contra as realidades que manifestam o anti-reino. Portanto, a presença misericordiosa de Deus que nos foi apresentada por Jesus revela-nos que o Reino é o lugar da compaixão, da justiça e fraternidade.

2.2 O DEUS DO REINO: A RELAÇÃO DE JESUS COM O ABBÁ-PAI

Para a fé cristã, Jesus de Nazaré viveu com intensidade sua vida de pregador. Contudo, ele mesmo não foi o núcleo de sua pregação. Sua mensagem tem como centro os dois amores pelos quais levou sua vida até a morte de cruz: *o Deus do Reino e o Reino de Deus*. Segundo o evangelho de João, toda a missão de Jesus foi vivenciada com a finalidade de revelar a plenitude de vida querida por Deus para o ser humano: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo

⁸ Cf. RAHNER, Karl. *Chiesa e parusia di Cristo*. In: RAHNER, Karl. *Nuovi Saggi*. Vol. I. Roma: Paoline, 1968. p. 484. Cf. JEREMIAS, Joachim. *Teologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Queriniana, 1976. p. 100.

10,10). Neste sentido, este capítulo tem como finalidade apresentar um caminho possível para compreender o Reino de Deus anunciado por Jesus como um processo histórico.

Reino de Deus (*Basileia tou Theou*- do grego) é traduzido do hebraico *malkut Yahveh*, conceito que segundo a perspectiva veterotestamentária não se refere à um território, um Reino em sentido local, mas antes, designa o domínio de um rei ou soberano. O Reino de Deus não pode ser compreendido em perspectiva espaço-temporal, mas como um processo dinâmico. Por isso, seria melhor traduzir por *Reinado de Deus*. Da mesma forma, chama atenção a ausência da própria expressão Reino de Deus no AT. Segundo Pagola

A relação de Javé com a realeza aparece com frequência no AT, mas não a expressão Reino de Deus. Deste modo, pode-se afirmar que foi Jesus quem decidiu usá-la de forma regular e constante. Não encontrou outra expressão melhor para comunicar aquilo que acreditava. A expressão Reino de Deus quase não aparece no AT. Geralmente diz-se que Deus é Rei ou que Deus Reina (2014, p. 120).

Conforme Jon Sobrino, específico e original em Israel “foi historicizar a noção de Deus-rei segundo sua fé fundamental de que Javé intervém na história

a principal característica deste Reino divino é que Deus realiza o ideal da justiça. Justiça, porém, não no sentido romano, “dar a cada um o seu, emitir um juízo imparcial”, mas “defender eficazmente aquele que por si mesmo não pode defender-se”, o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro, para nos atermos a esta tríade bíblica. Reino de Deus, por sua vez, tem duas conotações essenciais: a) o governo de Deus em ação; b) para transformar uma realidade histórico-social má e injusta em outra boa e justa. Por conseguinte, seria mais apropriado falar de Reinado de Deus do que Reino de Deus. Porque “‘reinado’ de Deus é a ação positiva pela qual Deus transforma a realidade, e ‘reino’ de Deus é o que ocorre neste mundo, quando é Deus quem realmente reina: uma história, uma sociedade e um povo, transformados segundo a vontade de Deus (2012, p. 201).

Nas palavras de Joaquim Jeremias, “a característica principal deste Reino é que Deus realiza o ideal régio da justiça [...] que jamais se realizou plenamente na terra (2017, p. 371)

O primeiro grande amor de Jesus de Nazaré foi o Deus do Reino. Nascido no seio de uma família judia, Jesus aprendeu desde cedo a cultivar sua fé em Deus, criador do mundo e salvador de Israel. Segundo Pagola (2010, p. 71), “sua fé foi se alimentando na experiência religiosa vivida entre o povo simples das aldeias da

Galileia”. Jesus, portanto, herdou uma tradição religiosa. A novidade de sua mensagem consiste na forma como ele se relacionava com Deus, a ponto de cativar homens e mulheres que logo se tornaram seus discípulos.

A relação de Jesus com Deus é fundamental para compreender a mensagem do Reino. A oração fazia parte da vida de Jesus, como narram os evangelhos (Cf. Mt 14, 23; Mc 1, 35; Lc 5, 16). Ele, portanto, não apenas falava de Deus, mas falava com Deus, e tudo isso de uma forma diferente e ousada:

o Deus de que fala Jesus é tão singularmente original e surpreendente que sua novidade consiste precisamente em ser um Deus tal que a condição necessária para relacionar-se com Ele e para aproximar-se dele não é outra senão a humanização. (...) nós os mortais, não nos aproximamos do Deus de Jesus “divinizando-nos”, mas precisamente “humanizando-nos” (CASTILLO, 2015, p. 110).

É evidente a revolução ocasionada por Jesus no que diz respeito à imagem de Deus. Jesus possuía uma intimidade tão profunda com o Criador que era capaz de falar sobre ele com uma linguagem mais acessível ao seu povo, revelando-o como um Deus que se deixa encontrar a partir das realidades humanas.

Essa proximidade com Deus levou Jesus a chamá-lo de Pai (*Abba*). Não como um pai qualquer, mas como o *Paizinho* querido, que não exclui nem despreza, mas que deseja o bem de todos os seus filhos e filhas. “O Deus de Jesus é *Abba*, o Pai mais próximo e bom que jamais se pôde imaginar neste mundo, [...] se caracteriza sempre pela bondade, a acolhida incondicional, a tolerância, o respeito e o amor” (CASTILLO, 2015 p. 117).

Segundo Pagola (2010, p. 74), “para Jesus, Deus é o ‘Pai do céu’. Não está ligado a um lugar sagrado. Não pertence a um povo ou a uma raça concretos. Não é propriedade de nenhuma religião. Deus é de todos”. A imagem de Deus como Pai chegará à sua formulação mais perfeita na parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32). Deste modo, Jesus revela um novo nome de Deus e também um novo modo de o compreender.

Na época de Jesus a imagem que se tinha de Deus era demasiadamente negativa: um Deus castigador, juiz, temível e vingador (Cf. Ex 32, 28; Sl 76). Essa visão foi alimentada pelos escribas e fariseus, que insistiam em anunciar um Deus dominador e opressor, que amava as pessoas condicionalmente, a partir do

cumprimento da Lei. Ao chamar Deus de Pai, Jesus apresenta também o seu modo de agir:

O Deus do Reino anunciado por Jesus é muito diferente do Deus dos escribas e fariseus: de um lado, o Deus da misericórdia e do perdão, o Deus que escolhe os marginalizados para fazer parte do Reino e rejeita os “puros” e os “piedosos”; de outro, o Deus da comercialização e da dominação, o Deus que sacraliza estruturas e situações injustas (RUBIO, 2003, p. 92).

Portanto, fica evidente que o Deus do Reino revelado por Jesus é próximo ao ser humano, acolhe os mais fracos, é manso e misericordioso, “...não é um Deus violento, mas um Deus de amor, de amor gratuito, que não se impõe pela força, que não violenta, mas que, ao contrário, respeita infinitamente a decisão humana” (RUBIO, 2003, p. 94).

2.3 O REINO DE DEUS COMO GRAÇA

O Nazareno também anunciou o Reino como graça. Isso significa que a atuação do reinado de Deus é iniciativa do próprio Deus e não depende dos esforços humanos. Essa gratuidade se manifesta em seus destinatários principais, a saber, os pobres, os pequenos e os pecadores, que não tinham a mínima condição para entrar no Reino, tendo em vista o cumprimento da Lei como condição essencial para a garantia dessa participação. Em Jesus, a única exigência que se faz é o acolhimento do Reino como verdadeiro dom, na humildade do coração. Essa atitude levará o ser humano à prática ativa do amor.

É mister compreender que o Reino de Deus é gratuito. Deus escolhe se aproximar do ser humano porque simplesmente os ama. Não obstante, o Reino de Deus é graça, porque traz consigo os insígnias da libertação, da verdade da superação de condições adversas que os seres humanos de todos os tempos trazem consigo.

Compreender o Reino de Deus como graça implica dizer também que o Reino é sinal de libertação, que equivale à salvação. O ser humano, que vive na história marcada por situações de divisão e de opressão, será liberto dessa realidade que impossibilita sua realização de modo pleno pela ação de Deus que age destruindo o mal. Segundo Pagola,

Esta batalha, entre Deus e as forças do mal para controlar o mundo não é um combate mítico, mas um enfrentamento real e concreto que acontece constantemente a história humana. O reino de Deus abre caminho lá onde os

enfermos são resgatados do sofrimento, os endemoninhados se veem libertados de seu tormento e os pobres recuperam a dignidade. Deus é o “antimal”: procura “destruir” tudo o que causa dano ao ser humano (2014, P. 125).

A salvação é sinal de descontinuidade das mazelas que escravizam o ser humano e o colocam em uma situação de não-Reino. As atitudes de Jesus demonstram claramente essa libertação. Quando o Nazareno curava os enfermos, acolhia crianças e mulheres e comia com os pecadores, ele os libertava de uma situação de desprezo e divisão, e anunciava-lhes a boa nova do Reino do Pai, sinal de comunhão que congrega a todos indistintamente.

Jesus vive e anuncia a chegada do Reino, sempre em íntima união com Deus, invocado como “Abba” (Paizinho). O anúncio da chegada do Reino de Deus vem acompanhado de sinais que demonstram já, agora, a atuação desse reinado. O anúncio e os sinais do Reino estão a serviço da libertação de cada ser humano, especialmente dos marginalizados de todo tipo” (RUBIO, 2003, p. 26).

Portanto, percebe-se que o Reino de Deus é a ação do Deus bondoso e misericordioso anunciado por Jesus. É o próprio agir de Deus em ato, tentando transformar uma realidade injusta em boa. Como o Pai ama indistintamente seus filhos e filhas, ele convida a todos para participar de seu banquete, sinal de intimidade, de libertação e de comunhão plena com o Criador. Assim sendo, o Reino de Deus é sinônimo de plenitude de vida e a participação nesta realidade alcança o ser humano em sua totalidade. Deste modo é possível dizer que o ser humano fora criado por Deus para o Reino. E este, por sua vez, fora preparado por Deus para a plenitude do humano.

Jesus teve consciência de que sua missão era anunciar o Reino de Deus. Esse anúncio significa que Deus chegou para reinar, isto é, para agir na vida de cada pessoa. Deus quer restaurar a sua obra prima que é a humanidade. Ele quer fazer o homem recuperar a sua imagem e semelhança com Deus. Deus quer agraciar a humanidade, tornando a todos filhos, participantes da vida divina, essa é a Justiça do Reino. Somente uma humanidade curada, libertada do mal e salva do pecado poderá implantar o mundo novo alicerçado no direito e na justiça. Somente homens e mulheres que vivem sob o Reinado de Deus é que poderão estabelecer uma nova relação de amor que gera comunhão entre todos e vida para todos.

Jesus morre na Cruz porque foi rejeitado por estruturas religiosas e sociais de seu tempo. Jesus aceitou a morte de cruz livremente e como consequência de sua missão. Foi fiel ao Pai até o fim. Deus o ressuscitou dos mortos. Nele e por ele todos os que creem ressuscitam. Ele voltou para o Pai e enviou o Espírito Santo sobre a Igreja para que ela continue na história o anúncio e sinais do Reino de Deus.

2.4 A IRRUPÇÃO DO REINO DE DEUS COMO UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

O Reino de Deus vem ao nosso encontro na história, Jesus o anuncia desde a Galileia e exige de nós conversão e atitude de busca e o Reino é proclamado a todas as nações:

Por entre aclamações Deus vai subindo: é o próprio lahweh ao som da trombeta. Salmodiai a Deus, cantai salmos! Salmodiai para o nosso Rei, cantai salmos! Pois lahweh é Rei de todo o universo, cantai a ele um belo salmo. Sobre as nações é Deus que reina, Deus toma assento em seu trono santo. Os príncipes dos povos vêm e se unem ao Deus de Abraão e ao seu povo; pois a Deus pertence os esconderijos da terra, é Deus quem está acima de todos” (Sl 47, 6-10).

Trata-se de um reinado universal, cósmico, histórico. Deus reina sobre todas as nações, não se trata de um espaço geográfico delimitado, mas da soberania de Deus na história. Deus é chamado de Senhor de todo o universo, como no Pai-nosso a petição “*venha a nós o vosso Reino*”. O anúncio do Evangelho se dirige para todos, sem exceção: Paulo é o apóstolo da universalidade da mensagem e o fundamento é a ressurreição de Cristo ⁹. “*Os últimos serão os primeiros*” (Mt 20,1-16): na parábola, a decisão do proprietário de pagar um salário inteiro a quem veio trabalhar na vinha ao fim do dia, na hora undécima, provoca reação dos que estavam ali desde cedo. “*Murmuravam contra o proprietário dizendo: Estes últimos não trabalharam mais que uma hora e os paga como nós, que suportamos o peso do dia e do calor*”. A parábola refere-se aos destinatários do Reino de Deus na dimensão universal, o anúncio do Reino é destinado a todos os povos e culturas da terra.

Há uma preferência de Jesus pelo pobre, pelo oprimido, pelo insignificante. A opção preferencial de Deus pelos pequenos atravessa toda a Bíblia e não pode ser entendida fora da liberdade e gratuidade do amor de Deus. Deus dirige o dom do

9 Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992. p. 144.

Reino a todo ser humano, sem exceção, ao mesmo tempo em que manifesta seu amor preferencial pelos pobres e oprimidos. Posiciona-se contra os soberbos, sempre a favor dos humildes ¹⁰.

Os pobres, os estrangeiros, as viúvas, os órfãos, os doentes e todo tipo de marginalizados da época de Jesus são os proibidos de se aproximarem de Deus pela classe religiosa de Israel. Esses grupos são alvo da violência social e religiosa do judaísmo do primeiro século, trata-se dos denominados constantemente segundo os Evangelhos de “pecadores”. Sobre eles, a sociedade em suas vertentes religiosa e política, projetava toda a violência interior decorrente das relações humanas, como a rivalidade, a inveja, a discórdia, a agressividade.

Ao contrário do que os que detinham o controle da religião e da sociedade faziam em seu tempo, Jesus se aproxima dos mais frágeis afim de lhes demonstrar com gestos, palavras, curas e milagres de que a libertação proposta pelo Reino, lhes havia alcançado, porque o Reino é para todos, mulheres e homens de todas as épocas.

Segundo Pagola

Jesus não pode anunciar o Reino de Deus e sua justiça esquecendo estas pessoas. Precisa dar lugar a eles para fazer ver a todos que eles tem um lugar privilegiado no Reino de Deus; precisa defende-los para que possam crer num Deus defensor dos últimos; precisa acolher, antes de mais nada, os que todos os dias topam com as barreiras erguidas contra si mesmos.(...) Quer apenas ser sinal claro de que Deus não abandona os últimos (2010, P. 224).

Quando em obediência a sua opção fundamental Jesus se aproxima destes, reconhece que não são meros “coitadinhos” dignos de pena. Não foi este o sentimento de Jesus. Antes, reconhece que aquele estado de coisas era injusto e cruel, e não correspondia ao projeto de Deus.

Em meio a invasão da cultura helênica impulsionada o povo de Israel desenvolveu mecanismos de purificação religiosa e cultural, afim de sobreviver de uma cultura estranha. Como consequência, surgiu um “código de santidade”, proposto pela lei, com uma separação definida entre o que era “puro” ou “impuro”. Dito em outras palavras, o que pertencia a Deus, ou que era afastado de Deus. Todos no

10 Cf. BARTH, Karl. *Church Dogmatics*. Vol II. New York: Scribner's, 1957. p. 386.

tempo de Jesus eram coniventes com essa afirmação central, e entendiam a “santidade” como separação do impuro.

Com isso, criaram-se mecanismos rituais de purificação, que procuravam garantir a identidade judaica em contraposição a cultura pagã. Contudo, o resultado foi inesperado. Brotaram diferenças substanciais e discriminações dentro do próprio povo, onde as lideranças religiosas, a saber, sacerdotes, levitas, escribas e mestres da lei possuíam uma santidade superior a do restante do povo. Obviamente, criou-se um setor de impuros, afastados do Deus e dos “santos do Templo”.

É certo que esta não era a proposta do Deus do Reino e, conseqüentemente, a de Jesus. Conforme o Evangelho de Lucas (6, 36) Jesus inverte a lógica dos “santos” instruindo ao povo para viver a imitação da misericórdia de Deus: “*sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso*”. Desse modo, a misericórdia proposta por Jesus se coloca diante da impureza, criada pelo “código de santidade”. Ser santo, é ser misericordioso, pois a misericórdia é o jeito de ser de Deus.

Mulheres pegas em adultério, ladrões, cegos de nascença, crianças, viúvas, enfermos, toda classe de gente excluída pelo “código de santidade” encontrou em Jesus e na sua ruptura com a indiferença, acolhida, respeito, hospitalidade. Isto porque

No Reino de Deus ninguém deve ser humilhado, excluído ou separado da comunidade. Os impuros e os privados de honra têm a dignidade sagrada de filhos de Deus. (...) a misericórdia não é para ele mais uma virtude, uma atitude entre outras. Ele vive impregnado pela misericórdia: dói-le o sofrimento das pessoas, ele o assume como seu e o transforma em princípio interno de sua atuação (PAGOLA, 2014. P.239-240).

Podemos concluir que a mensagem do Reino quer libertar o homem de qualquer opressão ou violência. Diz Jesus no Evangelho: “*Quero misericórdia e não sacrifício*” (Mt 9, 13). Todos aqueles que são considerados “impuros” dentro da sociedade recebem uma atenção especial de Jesus. Os doentes, os pecadores públicos que se dirigem até Jesus, pedindo-lhe vida nesta vida, ou seja, dignidade, misericórdia, respeito e perdão são acolhidos com grande amor.

Todos aqueles que são vítimas da violência social, seja ela, por razões morais ou religiosas, são acolhidos imediatamente. Basta lembrarmos a conversão de Mateus, um cobrador de impostos, vítima da violência religiosa da sociedade, é acolhido por Jesus que vai jantar na sua casa; a mulher pega em adultério, que o povo

queria apedrejá-la. A resposta de Jesus: “*quem não tiver pecados, atire a primeira pedra*” (Jo 8, 7).

Portanto, a pregação de Jesus, o anúncio do Reino é fundamentalmente a libertação do homem. Libertação primeiramente, das formas de opressão humana. Entre essas, destacamos a libertação das situações que impedem os seres humanos de atualizarem com suas vidas, através do discipulado a Jesus o Reino de Deus no hoje da história, a saber a realidade do mal, que seduz a humanidade desencadeando uma série de consequências como o pecado, a opressão, a desigualdade econômica, a alienação, a exclusão social, a violência doméstica, as guerras, a crise de identidade do indivíduo e tantos outros dramas que assolam a humanidade atual.

As fontes cristãs resumem a atuação de Jesus afirmando que ele se dedicava a duas tarefas: anunciar a boa notícia do reino de Deus e curar as enfermidades e doenças do povo. Foi esse o empenho fundamental: despertar a fé na proximidade de Deus lutando contra o sofrimento. (...) Jesus não pensou nunca nos “milagres” como uma forma fácil de suprimir o sofrimento no mundo, mas apenas como um sinal para indicar a direção na qual seus seguidores devem atuar para acolher o reino de Deus (PAGOLA, 2014. P. 214).

A mensagem de Jesus acerca do Reino, embora pregada historicamente em uma determinada época, dentro de uma cultura e de um povo, nos alcança hoje. Perto de sua morte, Jesus chamou seguidores e seguidores para estarem com ele e serem enviados. Por isso, o seguimento a Jesus é a maneira cristã de corresponder à passagem de Deus por este mundo e, de conseqüentemente, chegar ao seu reinado.

O seguimento a Jesus Cristo, na vivência do Reino, nos permite caminhar rumo a nossa realização. Quando nos inserimos na dinâmica do seguimento de Jesus, fazemos uma experiência dupla. Primeiro, nos inserimos na mesma dinâmica do Deus-Abbá, experimentando como Jesus uma obediência filial e uma entrega confiante a Deus, fundamento e alicerce de nossa vida e espiritualidade. Deus revela-se a nós, mostrando seu próprio rosto, desvelando também a nós, a nossa própria identidade, aquilo que somos chamados a ser. Aqui, descobrimos a nossa verdadeira vocação, nosso chamado para atualizar o Reino em nossa vida, caminhando rumo a nossa realização.

Em segundo lugar, após essa experiência singular de reconhecimento de Deus como nosso absoluto, o ser humano reconhece seu verdadeiro destino e se coloca numa dinâmica de conformar-se as exigências de Deus, o Deus do Reino. Ser

discípulo é fundamentalmente não apenas desejar, mas se esforçar para adequar-se àquele rosto que se revelou a nós, sem perder os contatos com ele, ao contrário, dialogando com ele.

Nossa realização vem daí, de nossa relação pessoal com Deus, de nosso esforço de conversão e dos valores fundamentais que esta relação nos traz, compaixão, amor, libertação, dignidade, paz, confiança. O discípulo de Jesus não se reconhece discípulo concentrando sua felicidade na imediatez e na liquidez da riqueza material. Esta, por vezes, engana e pode trazer consigo ambição e ganância, que geram pecado e exploração dos vulneráveis.

Como podemos alcançar nossa realização na vivência ou na atualização do Reino Deus no hoje de nossa história, em nosso presente? Sem a pretensão de esgotar a discussão, faremos no próximo capítulo acenos sobre possíveis caminhos para o regate da vivência do Reino de Deus, como discípulos de Jesus em nossos dias.

3 A REALIZAÇÃO DO SER HUMANO NA VIVÊNCIA DO REINO

Pela Revelação de Deus é possível dizer que o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, é constituído de uma dignidade ímpar, pois “tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo” (GS, 12). Dotado de razão e liberdade, é o único ser capaz de se relacionar com o seu Criador, cabendo a ele a responsabilidade de conduzir toda a criação à harmonia plena com Deus (Gn 1, 28)¹¹.

O Reino, como visto no tópico anterior, é a realização dessa relação harmoniosa de Deus com suas criaturas, é plenitude de vida. O Reino é um dom, que nos é dado de Graça. A nossa salvação, libertação, isto é o Reino como um todo, são dons oferecidos por Deus sem a necessidade de nossos méritos. Contudo, não se pode esquecer que o Reino deve gerar compromisso. Não se pode “jogar pérolas aos porcos”. Trata-se, portanto, do lugar onde o ser humano alcança o seu fim para o qual fora criado.

Nota-se que na tradição bíblica essa harmonia com Deus já se faz real desde o princípio. Na narrativa de Gênesis 2 é possível compreender o paraíso como “Jardim de Deus”, a morada divina. O convite para habitar com o Criador em sua casa nos revela a vocação última do ser humano, a saber, a comunhão plena com o ser de Deus. Logo, a participação do Reino de Deus não é um evento posterior à vida-morte-ressurreição de Jesus, mas constitui o que há de mais original no ser humano.

Nessa perspectiva, em que sentido pode-se compreender o papel de Jesus no que diz respeito ao anúncio do Reino de Deus? Muito mais interessante que utilizar a expressão *trazer* é empregar o verbo *revelar* quando nos referimos à missão do Nazareno, pois a primeira expressão remete a algo ausente que se faz presente por uma intervenção. Já a segunda nos aponta para uma realidade sempre atual, mas que ainda estava oculta aos nossos olhos.

Segundo a constituição pastoral do Vaticano II *Gaudium et Spes*, Jesus, o humano perfeito, veio revelar o homem a si mesmo juntamente com sua vocação sublime, a saber, a divina (Cf. n. 22), apontando-nos assim o caminho que nos leva a assumir a plenitude de vida querida por Deus: o caminho do serviço e do amor. Por esse motivo afirma-se que Jesus é a plenitude do Reino de Deus, a plenitude da vida (Jo 10, 10).

¹¹ O imperativo divino “dominai”, longe de expressar um domínio de exploração, significa cuidado, respeito com a natureza.

Destarte, Jesus de Nazaré nos revelou que o ser humano, obra prima do Criador, foi criado para a plena comunhão com seu Ser. A concretização desta vocação é a meta de um caminho, tendo em vista a dinâmica humana de construir-se a cada dia por meio da razão e da liberdade. Neste sentido, o Reino se apresenta como tarefa. Segundo Rubio (2003, p. 110), o caminho que conduz à participação da plenitude do Reino de Deus é o mesmo caminho trilhado por Jesus de Nazaré: o oferecimento de si mesmo ao Pai na entrega aos irmãos. Quando o ser humano se oferece a Deus por inteiro, ele mesmo é levado a fazer de sua vida uma oferenda aos irmãos e irmãs, sobretudo àqueles que mais sofrem. Isso é tornar presente o Reino querido pelo Pai para a realização plena do humano, longe da indiferença, do egoísmo e da morte, pois “a presença de Deus na vida humana só pode ter sentido e meta se afirmar e confirmar de imediato sua plenitude” (QUEIRUGA, 2003, p. 78).

Ora, sabemos que a vida de Jesus Cristo que explicitamos nos capítulos anteriores, teve como objetivo apresentar a maneira de Deus de lidar com situações contrastantes de injustiça e do pecado, motivos que impedem os seres humanos de alcançar a verdadeira vivência do “já” do Reino de Deus. Jesus vivendo a realidade de seu povo se apresenta como a resposta de Deus a toda pessoa humana; o significado e vitalidade de sua pregação do Reino de Deus não está fixado a um tempo cronológico, pois sua mensagem quer alcançar a vida da pessoa, do mundo, e da eternidade.

Em suma, Jesus mostrou a partir de sua experiência com o Deus do Reino que há possibilidade para o ser humano começar a desfrutar a beleza do Reino já aqui. Mesmo que a plenitude do Reino não seja alcançada ainda nesta vida, é possível vivenciar a beleza desse dom gratuito de Deus.

Como será a plenitude definitiva do Reino não é possível afirmar. Vivemos cercados de esperanças e expectativas da realização desse dom gratuito Deus em nossas vidas. Entretanto, é necessário ressaltar que a participação nessa plenitude definitiva está intimamente ligada à nossa vivência atual do Reino de Deus, mesmo na limitação de nossa vida e na ambiguidade da nossa história. Desse modo, é de suma importância tomarmos consciência de como atua o Reino de Deus no aqui e agora. É neste nosso mundo e na nossa história que somos convidados e convidadas por Jesus a corresponder à interpelação do Reino.

Finalizando o intento deste trabalho, nosso objetivo neste capítulo é sinalizar como o ser humano atual pode atualizar a presença do Reino no “já” da história através do seguimento a Jesus de Nazaré, vivendo já nesta vida a alegria dos valores do Reino, mas mantendo a esperança de sua realização definitiva num futuro escatológico.

3.1 CRIADO POR DEUS PARA O REINO: A VOCAÇÃO UNIVERSAL DO SER HUMANO

“Que é o ser humano?” A esta pergunta homens e mulheres já formularam inúmeras respostas ao longo da história. A filosofia, as ciências e as diversas antropologias existentes encontraram respostas diferentes e apontaram caminhos que podem amenizar essa busca inquieta do humano pela compreensão de si mesmo. Também a Sagrada Escritura procura dar uma resposta que defina a condição, a dignidade e a vocação última do ser humano:

A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado “à imagem de Deus”, capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus. “Que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos, sob os seus pés tudo colocaste” (Sl 8, 5-7) (GS, 12).

Por sua vocação universal, o ser humano é chamado à participação da vida e da felicidade do Deus do Reino revelado por Jesus, numa relação filial para com ele e relação fraterna para com as demais pessoas. O caráter relacional do ser humano, correspondente à sua própria condição de pessoa e à meta para a qual deve convergir toda a sua existência, é de natureza oposta ao individualismo. A humanidade está chamada essencialmente a ser comunitária, preocupada com os demais, com a sociedade como um todo, com a economia, a amizade social, e a ecologia integral. Todas as atitudes incompatíveis com isso, marcham contra a verdadeira realização do ser humano.

Restaurada a vocação humana por Cristo e em Cristo, que veio reunir de novo todas as realidades criadas por Deus, feridas pela ruptura que o egoísmo, o grande

pecado do mundo, causou nelas¹², os caminhos da Igreja, da sociedade e de toda a comunidade humana estão, todos eles, a serviço dessa vocação humana, agora resgatada e também enobrecida pela fraternidade com o Verbo Humanado. Diz, pois, João Paulo II em sua encíclica *Redemptor Hominis*:

“O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social – no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos bem diversos, no âmbito da própria nação ou povo (e, talvez, ainda somente do clã ou da tribo), enfim, no âmbito de toda a humanidade – este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão. Ele é *a primeira e fundamental via da Igreja*, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da encarnação e redenção”¹³.

De acordo com a meta e o caminho essencial da sua vocação em busca da sua realização, o ser humano precisa, como participante da natureza divina, viver e progredir constantemente nas diversas dimensões do seu relacionamento.

No relacionamento com seu Criador e Pai, o Deus do Reino, Jesus viveu sempre uma relação de abertura. Sem esta abertura transcendente para Deus e sem esta convergência da vida para ele, a própria existência não encontra significado suficiente; perde-se a consciência de que vale a pena assumir todos os esforços implicados no cultivo da própria pessoa e do intercâmbio social; vai-se diluindo a postura de confiança e esperança no valor da vida, da fraternidade, da justiça, do amor, postura que deveria se sobrepor aos obstáculos do sofrimento, da morte e de tudo que a razão humana não pode explicar. Só no relacionamento com Deus o ser humano encontra plenamente o seu sentido e a resposta para o que não pode entender.

A vontade de realização, de vida plena e abundante, de mudança de norte está no interior do ser humano, nas palavras do Papa Francisco, essa vontade se chama esperança

¹² “Ele nos fez conhecer o mistério de sua vontade, segundo o desígnio benevolente, que formou desde sempre em Cristo, para realizá-lo na plenitude dos tempos: recapitular tudo em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra” (Ef 1,10). “De fato, toda a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus; pois a criação foi sujeita ao que é vão e ilusório, não por seu querer, mas por dependência daquele que a sujeitou. Também a própria criação espera ser libertada da escravidão da corrupção para a liberdade que é a glória dos filhos de Deus” (Rm 8, 19-21).

¹³ RH 14.

a esperança que «nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna (FT 55).

No relacionamento com as outras pessoas, depositárias da mesma vocação e destinadas à comunhão fraterna, encontra-se o principal caminho de amadurecimento humano. Sem esta abertura para a solidariedade interpessoal, uma vivência dos valores do Reino, a própria personalidade vai-se deteriorando e corrompendo; tanto mais que o ser humano, criado à imagem de Deus, está feito para existir, crescer e realizar-se plenamente no amor, amando e sendo amado¹⁴.

No relacionamento com os recursos humanos e bens materiais, encontra-se um amplo enriquecimento do bem individual e coletivo. É preciso, porém, que tais recursos sejam empregados como dádivas de Deus para o bem das pessoas, no respeito ao bem comum. Sem o aproveitamento adequado dos recursos humanos e dos bens materiais, a vida terrena se empobrece quando, pelo contrário, deveria se tornar sempre mais eficaz e gratificante, seja no que concerne os valores transitórios seja no que se refere aos valores definitivos.

Toda ação humana destina-se ao progresso pessoal e social, mas, para que isso ocorra de uma forma autenticamente humana, é preciso que tais ações não sejam desvirtuadas pelo consumismo ou, pior ainda, pela ganância idolátrica, materialista do ter e do conforto temporal. Por exemplo, o trabalho, bem como o conforto dele procedente, foram feitos para as pessoas; não as pessoas para o trabalho e para as comodidades deste mundo passageiro.

Portanto, diante dos recursos e bens que temos ao nosso dispor, devemos não incidir nem na omissão ou desperdício dos talentos nem na maior ou menor perda da liberdade dos filhos de Deus. Para Moser

¹⁴ Não se identifique, porém o essencial do amor (o respeito, a valorização e a solidariedade) com o secundário, ou seja, com a sensibilidade afetiva, emocional, do amor. Esta nem sempre é possível e, menos ainda, experimentável na mesma forma e no mesmo grau em quaisquer circunstâncias. Haja, pois, o cuidado para não fazer do relacionamento pessoal um instrumento de compensações egoístas e de “carências afetivas”, que desfavorecem em vez de promover a maturidade pessoal.

O ser humano não é livre porque pode escolher, mas é livre porque é humano. Comparada à liberdade humana, todas as outras manifestações de liberdade não passam de pequenas amostragens. Contudo, essa liberdade fundamental, que consiste na capacidade e o dever de realizar-se como ser humano, só se manifesta como efetiva à medida que adere à liberdade total, ou seja, Deus; nossa liberdade só se concretiza na medida em que mergulhamos nessa fonte. (2014, P.94)

É com essa liberdade, verdadeiramente humana, que conservamos a hierarquia dos valores e sabemos avaliar a medida em que cada recurso humano ou bem material deve ser empregado ou renunciado, de acordo com o desenvolvimento integral das pessoas, com o bem comum e com as mais diversas circunstâncias da vida concreta.

No relacionamento consigo mesmo, o ser humano é chamado a desenvolver aquela identidade e aquela autonomia que são necessárias para a maturidade das qualidades pessoais e da verdadeira liberdade. O relacionamento consigo mesmo não pode, todavia, ser fechado sobre si mesmo pois isto é oposto à verdadeira afirmação da personalidade. Cada pessoa tem a missão de cuidar constante e atentamente de si mesma, sem nada diminuir da abertura filial para com Deus e fraterna para com as outras.

Sem o cultivo integral da própria pessoa, numa justa hierarquia de valores, o ser humano fica lesado no seu crescimento, na sua maturidade, no seu equilíbrio. Com isso, além de prejudicar o seu desenvolvimento, expõe-se à regressão e decadência na qualidade do próprio ser e, conseqüentemente, na vivência e orientação dos seus sentimentos. Nos casos mais graves, ocorre a mais trágica desintegração pessoal.

3.1.1 A conversão como um caminho para a vivência do Reino

Ora, falamos de realização da pessoa à luz dos valores do Reino anunciado por Jesus. Antes de tudo, no cuidado de si mesmo, o ser humano precisa considerar a importância da conversão, o sinal mais evidente da vontade interior de adesão ao projeto de Jesus. Desde o Antigo Testamento os profetas falam de conversão, abandono do pecado, da contradição. No Novo Testamento não é diferente. Ao Revelar em si mesmo o Reino de Deus, Jesus convoca a humanidade a viver a

conversão pessoal “*O Reino de Deus está entre vós, convertei-vos e crede no evangelho*” cf. Mc 1, 15.

No Novo Testamento a palavra específica para conversão é “metanoia” (substantivo), que se refere a uma mudança de direção, de sentimento, de arrependimento. É notável a insistência de Jesus para uma mudança de vida. No geral, quando Jesus se refere à conversão, quer dizer simplesmente para uma mudança na própria vida, reorientar as opções para Deus, afastando-se do mal. No Evangelho de Mateus, Jesus tem convicção de que a vontade de Deus, só se cumpre através de uma mudança constante na vida interior, ao contrário do que imaginavam os judeus

Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro. (...)Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro. Com efeito, é do coração que procedem as más intenções, assassinios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações. São essas coisas que tornam o homem impuro, mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro.(cf. Mt. 15, 11. 18-20)

A conversão é um chamado de Deus à humanidade para uma mudança que conduz homem e mulher à maturidade. É um dom do Espírito Santo que possibilita a mudança de vida de dentro para fora. A pessoa altera suas atitudes e seu comportamento na medida em que se abre para a “metanoia”, modificando conceitos e alterando valores.

Para o ser humano, criado para viver os valores do Reino, a conversão é um processo contínuo, e requer sempre abertura para se deixar interpelar por Jesus e sua Boa Notícia que nos desinstala.

O ser humano frágil e limitado é convidado a viver a plenitude de vida, a libertação das cadeias do mal e uma nova vida pela aceitação do Reino de Deus anunciado por Jesus. É convocado a dar uma resposta livre aos pelos do Reino. É a vida nova e abundante oferecida por Jesus que consiste em

ser livre para sair-de-si-próprio, do fechamento da própria subjetividade, para se encontrar com o outro lá onde ele está, para caminhar junto com ele, para partilhar seu sofrimento ou sua alegria. Trata-se de uma relação de reciprocidade que enriquece aos dois protagonistas, embora seja verdade que é uma relação entre desiguais, posto que desiguais são as situações em que se encontram (RUBIO, 2004. P. 165).

Converter-se é saber cuidar de si mesmo a partir da relação de proximidade com o Deus do Reino. Quem sabe cuidar de si mesmo, e vive em harmonia no relacionamento para com os outros, atinge níveis elevados de realização pessoal e torna-se um auxílio precioso para o crescimento das pessoas com as quais convive ou compartilha as mais diversas atividades.

De acordo com a sua vocação universal, a pessoa humana tem por missão, sem descuidar-se da responsabilidade por este mundo, convergir – em tudo que foi dito – para a comunhão máxima com Deus e com toda a criação.

Vivendo sabiamente o seu relacionamento em todas as dimensões, o ser humano colabora com Deus na realização de si mesmo; colabora com os outros no crescimento deles, bem como na partilha justa e fraterna dos bens dados gratuitamente por Deus à humanidade; colabora no desenvolvimento de um mundo mais justo e igualitário. Com tudo isso, realiza a vontade do Deus do Reino, e atualiza o mesmo no hoje de sua história. no crescimento, na vida desfrutada em abundância e, mais ainda, na plenitude atingida pelas pessoas, criaturas prediletas, que ele chamou, num extremo de generosidade, a serem seus filhos e filhas, na condição de seus autênticos familiares.

3.2 O SER HUMANO CHAMADO A SER UM DOM PARA OS OUTROS, CONTINUANDO A MISSÃO DE JESUS

Para pensar a existência humana como um dom, segundo a fé cristã, é necessário considerar que “o homem, [...] é um ser pessoal que goza de transcendência e liberdade, é ao mesmo tempo um ser inserido no mundo, no tempo e na história” (RAHNER, 1989, p. 55). Para o Vaticano II, “*o mistério do ser humano só se esclarece à luz do mistério do Verbo Encarnado*” (GS 22); e o Papa Paulo VI, no discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, foi ainda mais consequente ao dizer que “*para conhecer o ser humano verdadeiro e integral, é necessário conhecer a Deus... e para conhecer a Deus, é necessário conhecer o ser humano*” (07 de dezembro de 1965). Assim, na aventura humana, o processo de humanização

prolonga-se num processo de divinização e o processo de divinização prolonga-se num processo de humanização

Sendo chamado à comunhão com Deus, o ser humano precisa se relacionar, primeiramente, com o mundo e com as outras criaturas para alcançar o seu fim último, pois a vocação transcendental da criatura humana revela que sua existência está inserida no tempo e no espaço.

Deus poderia ter criado os homens na comunhão com Ele e assumi-los todos. Não precisaria do tempo. Poderia ter realizado tudo na eternidade, formando como que „o corpo de Deus“. Mas não quis assim. Quis uma história longa, da liberdade humana, onde houvesse também a possibilidade da participação livre do homem ou de sua negação (BOFF, 2012, p. 38).

De acordo com a narrativa Sacerdotal da criação, o mundo preexiste à criatura humana (RUBIO, 2001, p. 155). Neste sentido, o ser humano, mesmo dotado de liberdade, se vê inserido em uma teia de relações já iniciadas, mas que o convida para tomar o seu lugar na trama, porque “é na história que ele deve realizar sua salvação, à medida que a encontra ofertada na história e nela a acolhe” (RAHNER, 1989, p. 57).

O mundo é o ambiente espaço-temporal em que o Deus do Reino continua a sua obra criadora. Segundo Susin (2003, p. 33), “[...] a história é a própria criação em andamento, é um processo criacional”. Ora, está claro que a criação do ser humano o orienta para sua realização, sua libertação e salvação. Destarte, ao cuidar do mundo criado, relacionando-se com a história, o ser humano coopera com a realização de sua vocação sublime, correspondendo ao chamado primário de Deus, atualizando os desígnios do Reino de Deus na história.

Não é fugindo do tempo e da história que se vive essa salvação. É no cotidiano que o ser humano responde ou não à interpelação salvífica de Deus [...]. É no coração do tempo e da história humanas que Deus manifesta seu desígnio salvífico e que o povo e o indivíduo são chamados a responder à interpelação divina (RUBIO, 2004, p. 51).

Por esse motivo, a reflexão sobre a tarefa de cuidar do mundo criado é fundamental para a antropologia bíblico-cristã. Além do Gênesis (1,28), a literatura Sapiencial¹⁵ também ressalta o domínio humano sobre a criação (Sl 8,7; Eclo 17,14).

¹⁵ A literatura Sapiencial se caracteriza pela reflexão das questões cotidianas da atividade humana, bem como dos problemas mais complexos da existência humana. Isso se realiza pela “[...] busca

Dada a sua responsabilidade perante o Criador, o ser humano é convidado por Deus a ser o administrador de sua obra (RUBIO, 2001, p. 166), assumindo assim, o papel de parceiro do Abbá-Pai, o Deus de Jesus, na história do mundo.

Nesta história, Deus mesmo se manifestou, a fim de revelar, aos seres humanos, sua vocação transcendental (BOFF, 2012, p. 38). Primeiramente, a partir da beleza, bondade e perfeição das criaturas (Sb 13,1-9; Rm 1,19-20). E como plenitude de sua autocomunicação, enviou o seu Filho ao mundo, com o propósito de salvá-lo (Jo 12,47). Assim escreveu Santo Afonso Maria de Ligório (1996, p. 14):

Mas Deus não se contentou em dar-nos estas belas criaturas. Além disso, para cativar todo o nosso amor, ele deu-se a nós em todo o seu ser. Deus Pai chegou ao extremo de nos dar seu próprio Filho: „Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu seu Filho único”.

Afirmar o ser humano como pessoa, faz parte da compreensão cristã sobre sua existência no mundo. Trata-se de “[...] uma criação própria do cristianismo. É resultado, sobretudo, da experiência dialógica na relação entre Deus e o homem” (RUBIO, 2001, p. 304).

Deste modo, ao criar o ser humano, Deus cria “[...] não um mero objeto de sua vontade, mas um ser correspondente, capaz de responder ao tu “divino, porque é capaz de responder *pelo* próprio „eu”; *cria uma pessoa*” (LA PEÑA, 1998, p. 46, grifos do autor). Essa correspondência se dá pelo fato de o ser humano ser criado à imagem do Deus, que é, essencialmente, relação entre pessoas: “Deus não precisa criar para ter um *tu*, mas é desde sempre comunidade de pessoas” (LADARIA, 2016, p. 47, grifo do autor).

A essa capacidade de se relacionar com Deus, soma-se a irrepetibilidade de cada ser humano, o seu autodomínio, bem como sua abertura ao mundo e aos outros. “Criado à imagem de um Deus-Comunidade, o homem é chamado a desenvolver a abertura comunitária, o encontro interpessoal dialógico” (RUBIO, 2001, p. 447). A vocação do ser humano, portanto, tem uma índole comunitária segundo o plano de Deus (GS,24), já que “o ser pessoal do homem se abre para sua dimensão social” (LADARIA, 2016, p. 75). Além disso, ao se relacionar com os demais, o ser humano exprime uma característica de Jesus como revelador do Reino, a saber, a abertura.

na *experiência humana geral*, sem dúvida iluminada em muitos casos pela fé” (SICRE, 2015, p. 280, grifos do autor).

Mediante ao conceito de pessoa, percebe-se que o ser humano não é uma criatura autossuficiente, que se desenvolve fechada em si mesma, mas um ser social, relacional, vocacionado ao encontro e à relação com seus semelhantes e sobretudo com o Deus do Reino

A pessoa, pelo fato de ser pessoa, exige a relação interpessoal em diferentes níveis. O encontro com outras pessoas é necessário para que a pessoa possa perceber e desenvolver a própria identidade pessoal. Quer dizer, a pessoa se percebe como pessoa na interpelação-resposta, na doação ao outro, no acolhimento, na confiança e na entrega mútua. A relação com as outras pessoas nos fazem tomar consciência da nossa singularidade pessoal tão concreta (RUBIO, 2001, p. 444).

A dimensão social da pessoa humana é fundamental para compreender sua presença no mundo como uma maneira de vencer o individualismo e a indiferença, “pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros” (GS,12). Neste sentido, a pessoa humana é chamada a ser um dom para o outro e para o mundo, à medida que sua existência colabora com o progresso da sociedade, cuja interdependência com a plenitude humana, foi explicitamente afirmada pelo Vaticano II: “a natureza social do homem torna claro que o aperfeiçoamento da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência” (GS,25).

O desenvolvimento de uma sociedade justa seguindo os valores do Reino de Deus revelado por Jesus, passa pela ruptura das cadeias da indiferença e do individualismo. Na esteira de uma sociedade que permite a exclusão e que tende a desinteressar-se pelos outros, assistimos a uma incúria social e política que bate palmas a pobreza espiritual, cultural e econômica. Nas palavras de Rúbio

O individualismo moderno e a privatização da fé em conexão com uma antropologia bastante penetrada de dualismo fizeram com que o cristão se desinteressasse das realidades macrossociais. Certamente, justifica-se a insistência com que a teologia, o magistério eclesial e a consciência cristã acentuam hoje a importância básica da dimensão social e política da fé cristã. Esta insistência supõe uma visão de homem em que a sua dimensão de abertura, nos diversos níveis, é convenientemente valorizada. É precisamente porque é pessoa, que o homem é chamado a se abrir ao encontro com outras pessoas, nas relações familiares, comunitárias e sociopolíticas. (1989, P. 254)

Nesse sentido, um verdadeiro seguidor de Jesus não pode manter-se como o sacerdote ou o levita narrado por Jesus na parábola do Bom Samaritano. Estes, ao

verem o homem decaído e necessitado de ajuda, passam adiante com indiferença. Ao contrário, Jesus não nos convida a interrogar-nos quem é próximo a nós, mas a nos tornarmos nós mesmos vizinhos, próximos. O ser humano só encontra sua realização no dom de si mesmo aos outros.

Como ser de decisão e de resposta, cabe à pessoa humana colocar-se diante desse chamado divino de ser-para o outro e para o mundo. Ao reagir negativamente, ela opta por um ato egoísta, encerrando sua existência em si mesma ao julgar ser possível realizar-se, plenamente, sem a colaboração dos outros seres humanos e distante das demais criaturas. Assim, a pessoa “[...] vive no pecado como situação de fechamento a um crescer para Deus e para a globalidade das relações para com a realidade” (BOFF, 2012, p. 39).

3.2.1 A solidariedade nas relações sociais

Dissemos no início deste capítulo a existência do fenômeno da fragmentação do ser humano. O individualismo exagerado traz a impressão de que o ser humano é autossuficiente e senhor de si mesmo. À luz da fé em Jesus, precisamos encontrar um meio eficaz que possibilite ajudar o ser humano em seu processo de harmonização ou integração. É preciso convergir forças para que a pessoa reencontre o sentido da própria vida, que se encontra fechada para as relações com Jesus e com os demais.

Acreditamos que o cultivo e a vivência dos valores do Reino podem constituir uma poderosa força de reconciliação e harmonia para o ser humano. Porém, para se chegar à proposta de Jesus é necessário um esforço para compreender a visão de ser humano que a Bíblia apresenta para nós. A compreensão bíblica acerca do humano lança luzes de fé sobre a nossa compreensão do homem e da mulher.

Destacamos hoje o poder da solidariedade e do amor serviço para a edificação de uma humanidade justa, cada vez mais fraterna. Quando insistimos muito num assunto corremos o risco da banalização e da indiferença. É o que ocorre hoje quando se fala de solidariedade, serviço e amor. É absolutamente normal tratar com desprezo valores tão caros a Jesus, sobretudo para a geração atual que se encontra desinteressada pelos interesses que tocam a todos. Na ideologia atual que tenta unificar as culturas pela instrumentalização da economia, divide-se pessoas e nações.

A chamada “sociedade globalizada” na tentativa de nos aproximar, nos torna rivais e não irmãos.

Segundo o Papa Francisco

Nota-se a penetração cultural duma espécie de «desconstrucionismo», em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero. De pé, deixa apenas a necessidade de consumir sem limites e a acentuação de muitas formas de individualismo sem conteúdo. Neste contexto, colocava-se um conselho que dei aos jovens: «Se uma pessoa vos fizer uma proposta dizendo para ignorardes a história, não aproveitardes da experiência dos mais velhos, desprezardes todo o passado olhando apenas para o futuro que essa pessoa vos oferece, não será uma forma fácil de vos atrair para a sua proposta a fim de fazerdes apenas o que ela diz? Aquela pessoa precisa de vós vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, para vos fiardes apenas nas suas promessas e vos submeterdes aos seus planos. Assim procedem as ideologias de variadas cores, que destroem (ou desconstroem) tudo o que for diferente, podendo assim reinar sem oposições. Para isso, precisam de jovens que desprezem a história, rejeitem a riqueza espiritual e humana que se foi transmitindo através das gerações, ignorem tudo quanto os precedeu»(FT, 13).

É a cultura que dá privilégios às grandes nações, aos conceitos vazios de religiosidade, ao mal do descarte a pobres, deficientes e idosos como os que “já não servem mais”. O sentimento de que fazemos parte de uma mesma humanidade, chamada a partilhar a mesma filiação divina se esvai. Passamos a considerar que somos onipotentes, a relação com o Deus do Reino é desnecessária e, por vezes, infrutífera. Contudo, esquecemos que estamos no mesmo barco, o fechamento e a vivência de relações cada vez mais frias e hedonistas pode nos levar a desilusão. O fechamento e o isolamento jamais serão alternativas par voltarmos a reascender a esperança.

Já ressaltamos anteriormente que o ser humano foi criado de tal maneira por Deus que não se realiza, não se desenvolve, tampouco encontra sua realização a não ser no sincero dom de si mesmo aos outros. É impossível que qualquer homem ou mulher reconheçam sua própria verdade, senão no encontro com Deus e com os outros. “Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro” (Gabriel Marcel, 1940, p.50). No que se segue, diz o Papa Francisco

Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que «a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras

relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte» (FT, 87).

Homens e mulheres são seres de relação. A identidade da pessoa se manifesta nessa alternância relacional de ser ela voltada para si e permanentemente aberta para outro. Para a teologia Deus é o TU, o totalmente OUTRO com quem a pessoa está sempre em diálogo. Deus chama e a pessoa responde ou não responde. A resposta depende da liberdade que nasce do amor. Quem ama é livre. Aqui tocamos no mistério da fé cristã: crer em Deus que se revela em Jesus de Nazaré.

A liberdade é que faz do ser humano uma pessoa. A pessoa é ela mesma em toda sua dimensão humana no amor e na liberdade. Podemos afirmar, ainda, que o ser humano só é pessoa quando suas atitudes são a expressão de sua consciência formada no amor e na liberdade. Segundo o Papa Francisco

Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: «Vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8) (FT, 95).

Segundo o Evangelho de Lucas, Jesus diz que *“a árvore é conhecida pelos frutos... e que a boca fala daquilo que está cheio o coração”* (cf. Lc 6,43-45). É uma boa comparação para expressar o que estamos tentando dizer: cada pessoa é aquilo que ela cultiva ou procura produzir conforme sua liberdade para ouvir ou não ouvir a voz de Deus no interior de sua consciência.

3.2.2 *Aproximar-se do diferente*

Toda relação só é possível porque o outro é diferente. A diferença é uma riqueza, e portanto, é um desafio para a sociedade atual se aproximar com respeito cuidado do outro como diferente de mim. As diferenças tornam a vida mais rica, saudável e fecunda. Somos seres diferentes. A atitude de quem deseja atualizar o Reino, deve atitude de escuta e de acolhimento do outro como outro. Essa atitude constitui um grande desafio que precisa ser enfrentado. Tal desafio é enfrentado atualmente por todos e todas que escolhem o caminho do discipulado a Jesus.

Os Evangelhos nos mostram que Jesus sempre acolheu com misericórdia e respeito a todos e todas. Jesus se relacionava “de igual para igual”, pois todos são irmãos pautado pelos princípios de solidariedade, amor e serviço. O mais interessante sobretudo, é notar que tais atitudes emanam sempre de Jesus, sem ao menos perguntar se os destinatários de suas ações as merecem ou não.

Ao se aproximar da samaritana no poço de sicar (cf. Jo 4,5-42), Jesus lhe dirige as seguintes palavras: “*dá-me de beber*”. Esse pedido supera todas as barreiras de hostilidade entre judeus e samaritanos e rompe os esquemas de preconceito em relação às mulheres. O simples pedido de Jesus é o início de um diálogo sincero, mediante o qual Ele, com grande delicadeza, entra no mundo interior de uma pessoa à qual, segundo os esquemas sociais, não deveria nem mesmo dirigir uma palavra.

Com tal atitude, Jesus evidencia que a solidariedade é um dom que colabora diretamente para a vivência de uma subjetividade aberta. É no dia-a-dia, no encontro com as outras pessoas concretas que se desenvolve a abertura da subjetividade. Segundo Rubio, o maior passo para aprender a olhar a outra pessoa de maneira humana, de forma solidária e dialógica, consiste em “permitir que ela me olhe também, ‘ver’ e ‘ser visto’ humanamente” (2004, p.156).

Na condição e qualidade de criatura tão querida pelo Deus do Reino, o ser humano desenvolve a capacidade de oferecer e abre-se para receber ajuda. O apoio mútuo é uma necessidade básica e natural de cada ser humano. Desde o nascimento até o fim de sua vida, o ser humano necessita de ajuda. Cercado pelos outros e também por toda a criação, o ser humano recebe de Deus a vocação de cuidar, cultivar e administrar de forma responsável a sua relação com os demais. Isto não quer dizer que o ser humano sozinho seja o “dono” da criação. Ao contrário, é responsável pelo cuidado com todo o mundo criado porque recebeu essa vocação do próprio Deus.

Quando em situações de sofrimento a vida parece diluir-se e perder consistência, faz-se necessário invocar a solidez, que deriva da razão de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura de uma realização comum. Para o Papa Francisco,

a solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, «em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias,

da nossa sociedade, do nosso povo». Nesta tarefa, cada um é capaz «de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis (...). O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até “padece” com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas» (FT, 115).

Chamado à comunhão solidária, o ser humano sente-se responsável perante as situações históricas que o circundam. No caminho de fé dos cristãos que constantemente tentam vivenciar e atualizar hoje a presença do Reino, leva-se em conta os desafios do mundo de hoje, marcado pela interdependência e pela unidade.

Embora seja comum classificá-lo em primeiro, segundo ou terceiro, o mundo forma uma unidade, diante da qual, em escala diferente, todos são corresponsáveis. Essa unidade mundial sofre hoje uma gravíssima crise que atinge todos os seres humanos: fragmentação religiosa, crise cultural, destruição ecológica, pobreza maciça e tantos outros sérios problemas que se expressam em forma de clamor.

O mundo, em si mesmo, em sua profunda crise e com as possibilidades que tem para superá-la, é hoje a grande pergunta de Deus: ‘Que fizeste de teu irmão?’ (cf. Gn 4,9-10). Sem cair em visão apocalípticas, é necessário afirmar que o que está em crise é a própria criação de Deus, o ideal da vida plena (SOBRINO, 1976. P.116).

A partir do momento que Jesus de Nazaré encarnando-se assumiu a nossa realidade, o cristão no caminho real do seguimento torna-se responsável pela realidade que o cerca e, no contexto atual, pelos desafios provenientes da gravidade da situação atual.

3.3 A PARTICIPAÇÃO NO SER DE DEUS: O HORIZONTE DE TODO SER HUMANO PARTICIPANTE DO REINO

Explicitamos até aqui as nuances que tornam vivas e atuais a vivência e a atualização do Reino de Deus revelado por Jesus. Sem a pretensão de esgotar e apontar todas as maneiras pelas quais o Reino se torna presente na história do mundo atual. O horizonte de todo ser humano, discípulo e discípula de Jesus é caminhar no binômio viver/atualizar o agir do Reino.

Foi explicitado nesta reflexão, que a criatura humana, diante do amor gratuito de Deus, tem um projeto salvífico, que transforma, radicalmente, sua existência,

porque “[...] se Deus criou o ser humano, foi única e exclusivamente para isto: para transformá-lo com sua glória, para cumulá-lo com sua felicidade, para submergi-lo no mar sem fundo de seu gozo e de seu amor” (QUEIRUGA, 2005, p. 216). Este projeto alcança toda a criação, dada a relação do ser humano com os outros seres criados. De acordo com Ladaria (2016, p. 141), “se o homem não é homem sem sua relação com o cosmos, então também sua plenitude inclui uma nova relação com o mundo transformado”.

A plenitude de vida, a felicidade verdadeira e a salvação, vontades máximas de Jesus, “*Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância*” (Jo 10,10), constituem princípios básicos da fé no Deus do Reino, Criador, libertador e Salvador, pois reafirma a condição de criatura do mundo. Por isso, “a criação é querida e amada por Deus. Ela também tem um destino no plano salvífico. Esse destino não é sem conexão com o do homem em Cristo [...]” (BOFF, 2015, p. 137). Assim sendo, o Ressuscitado levará a termo a sua obra salvífica que, iniciando-se na criação, alcançou o mundo com a missão de salvá-lo com a colaboração livre do ser humano.

Já mencionamos que para a fé cristã, a plenitude do Reino de Deus transcenderá a própria história, porque se realizará no *éschaton* (LA PEÑA, 1998, p. 95), cuja realidade só pode ser dita mediante imagens de esperança. Estas são utilizadas como instrumentos de linguagem para expressar um dado de fé: “só no final do processo evolutivo emergirá o verdadeiro Adão e irromperá, na sua primordial nascividade, o mundo como Deus desde toda a eternidade pensou e amou” (BOFF, 2012, p. 39). O Apóstolo Paulo, cultivando a esperança em um mundo futuro, assim expressou: “se temos esperança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens” (1Cor 15,19).

A salvação do ser humano reside na superação de sua condição nativa pela participação no ser de Deus. De modo semelhante, a salvação da história em sua integridade é possível para além da própria história. A fé cristã sustenta tais afirmações não porque despreza o humano ou o histórico; muito ao contrário, é porque estima tanto um como outro até o ponto em que espera vê-los colocados na plenitude do definitivamente válido (LA PEÑA, 1998, p. 94).

A esperança escatológica da existência humana justifica-se pela dignidade de sua vocação transcendental, que ultrapassa os limites do tempo e do espaço. Além disso, “[...] para o cristão não satisfaz nem serve o circunvolver do atualismo que

enfrenta tão somente cada momento presente, sem jamais encontrar o definitivo. O cristão tem certeza de que a história avança [...]” (RATZINGER, 1970, p. 217). A pessoa humana e todo o mundo criado, que juntos constroem uma única história, são chamados à salvação, a libertação e a plenitude de vida, já que são criaturas destinadas à vivência da plenitude do existir. “Essa plenitude, por sua vez, é Deus mesmo, porque apenas em Deus o mundo e, sobretudo, o homem alcançam seu fim último” (LADARIA, 2016, p. 44).

A participação no ser de Deus, mediante a ação reveladora de Jesus Cristo e pelo agir do Espírito, refere-se à divinização do ser humano. Eis a total transformação que a vivência do Reino gera no ser humano que se tornou “nova criatura”: “o ser humano, torna-se divino”, porque realmente transforma-se e ultrapassa a si mesmo, apropriando-se do destino de Cristo” (QUEIRUGA, 2005, p. 174). Este tema foi um dos mais discutidos na patrística, sobretudo, por Irineu de Lião, autor da máxima: “Deus se fez humano para que o ser humano se fizesse Deus” (IRINEU DE LIÃO *apud* QUEIRUGA, 2005, p. 173).

O homem, imagem de Deus, foi trazido à existência para participar do mesmo ser de Deus. O destino do ser humano é sua divinização ou (dito em termos neotestamentários) seu *ser em Cristo* [...]. O homem é convocado, pois, para um desfecho que rebaixa sua estrutura nativa (LA PEÑA, 1998, p. 74, grifos do autor).

A comunhão plena com Deus, segundo Queiruga (2005, p. 214), “[...] equivale à inserção do ser humano no próprio mistério da vida e do amor infinito”. O amor divino, gratuito e desinteressado, é o fundamento de toda a história da salvação. Por este motivo expressou Ladaria (2016, p. 129), corroborando a participação da criatura humana no ser de Deus, que “o amor de Deus é tal que quer que seja nosso o que é seu”. Ora, se Deus é a origem de toda a criação e, ao mesmo tempo, o fim para o qual tudo caminha, uma visão cristã sobre o ser humano e sua presença no cosmos deve afirmar que o fim, na verdade, é a origem de tudo. Em outras palavras, toda a criação, não apenas homens e mulheres, mas todo o cosmos, caminha para o amor primeiro, aquela graça original que criou tudo e todos na liberdade, pela mediação de Jesus Cristo e pela ação do Espírito.

Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem – aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade – readquire

novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor (JOÃO PAULO II, 1979, p. 21).

A realização do ser humano no Reino de Deus, tema deste trabalho, deve ser acolhida como um dom. Não são apenas os méritos e constitutivos do ser humano, muito menos suas limitadas atividades no mundo que possibilitarão a comunhão com Deus, já que “[...] nenhum dom criado é capaz de oferecer um título suficiente para a comunhão com Deus. Só o próprio Deus pode levar-nos a ele” (LADARIA, 2016, p. 126). Assim, “[...] *aquilo que o homem é por criação (imagem de Deus) não lhe basta para chegar a ser o que deve ser (partícipe da condição divina) segundo o propósito do criador*” (LA PEÑA, 1998, p. 74, grifos do autor).

Destarte, qualquer caminho que possa iludir o ser humano, sustentando a falsa ideia da autodivinização deve ser superada, a fim de que toda a existência humana alcance o seu verdadeiro fim em Jesus, pois que “a vida plena é a vida na participação do mistério do Deus trino, para nossa conformidade a Jesus” (LADARIA, 2016, p. 123). Não obstante o dado do mal na história da salvação, a fé cristã afirma que, apesar da permanente possibilidade humana de recusa a Deus “[...] existe ali alguma coisa que é *capaz de ser salva*’, porque ela é *capaz de ser amada* pelo próprio Deus e, conseqüentemente, é *amada por Ele*” (CTI, 1997, p. 63, grifos da obra).

Trata-se aqui da colheita final, da árvore frondosa, do banquete de bodas, isto é, das belas imagens utilizadas por Jesus a fim de se referir a plenitude futura. Tais imagens sempre recordam que o homem e a mulher novos vivem uma existência aberta ao futuro, à plena realização da promessa, quando a vida nova será totalmente nova, quando a libertação para a vivência da plenitude do Reino será liberdade, amor e vida em plenitude.

Contudo, lembramos acima que esta vida nova se encontra rodeada de contradições. O ser humano é plural nas suas escolhas. Como ser livre, pode escolher o compromisso total com o reino ou, ao contrário, aliar-se ao mal. Essa vida plena e sempre nova embora seja uma realidade é sempre germinal. As parábolas de Jesus¹⁶ sobre o Reino de Deus são, nesse sentido, extremamente ilustrativas. Elas nos

¹⁶ Para um aprofundamento sobre as parábolas de Jesus, recomenda-se uma leitura de JEREMIAS, Joaquim. As parábolas de Jesus. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1986.

mostram o essencial. O tempo aqui nesta vida, no hoje da história é tempo de plantar, não de colher (cf. Mt 13, 4-9 e 18-23). Nas palavras de Rúbio

A semente só é semente, pequenininha, não é ainda uma árvore na qual se abrigam pássaros (cf. Mt 13,31-32). Isto não significa desvalorizar a presença do Reino de Deus no tempo atual. A semente é importantíssima, pois sem ela não haverá árvore amanhã. A semente é indispensável, se queremos que haja colheita. Cultivar e cuidar da semente de novo, no meio do joio, de conflitos, tensões e resistências, é necessário para que, na colheita, possa ser feita a desejada separação entre o trigo e o joio, entre o velho e o novo (2004, P. 272).

O discípulo e a discípula de Jesus, recebem a vocação de se comprometerem, junto de outros homens e mulheres, na luta contra situações desencadeadas pela recusa a Deus. Recebem o convite do Deus do Reino de atualizar hoje tarefa iniciada por Jesus de lutar contra situações e contra estruturas injustas e a favor da construção de uma sociedade diferente da atual, capaz de oferecer possibilidades reais de humanização para todos. Capaz de estabelecer um novo tipo de relacionamento com toda a criação. Entretanto, os discípulos e discípulas não confundem este futuro com a realização plena dessa promessa. Esta, só de Deus poderá vir. É um dom de Deus, mas trata-se de um dom intimamente ligado e comprometido com a história.

A inserção do ser humano na vida divina, depende do compromisso em viver e atualizar o Reino a partir de agora.

A abertura esperançosa a esse futuro de plenitude nada tem de alienação ou de passividade em relação às tarefas próprias da humanização, no hoje da nossa história. Pelo contrário, entre a promessa esperada e a realização de promessas, na ambiguidade da história, existe uma estreita vinculação. Retomando a imagem da sementeira e da colheita, deve-se reconhecer que esta é obra de Deus, sim, mas colaborando, hoje, no trabalho da sementeira, temos a esperança de participar da alegre festa da colheita (RUBIO, 2004. P. 273).

Participar da sementeira, vivenciar e atualizar os valores do Reino, incidem em realizar as promessas de libertação, de reconciliação, de perdão, de justiça, de ajuda solidária e assim por diante. São realizações verdadeiras, embora limitadas. Imperfeitas e sujeitas à ambiguidade.

Em suma, o Reino de Deus está presente entre nós. Há sinais em toda parte. Quando vemos alguém que se aproxima de outras para sanar a fome, quando nos deparamos com a luta de tantas pessoas pela justiça social, pelo clamor de uma

sociedade mais fraterna com uma divisão igualitária de bens e direitos, quando se luta pelo direito à vida, quando se repudia a violência doméstica, quando notamos o empenho de tantos homens e mulheres em tornar a Boa Notícia de Jesus conhecida e vivida pelo mundo.

CONCLUSÃO

A existência humana é fruto de um projeto de amor de Deus que dialoga com a liberdade do próprio ser criado. Nesta dinâmica de chamado e resposta, não obstante a frágil condição do ser humano, Deus se identificou com sua vida,

transformou sua história com sua presença libertadora e elevou à dignidade de filho aquele que, desde o início, já havia predestinado ao amor. “Isso é, enfim, a nossa realização: saber que, apesar de tudo – inclusive de nós mesmos –, fomos aceitos por um amor que nos precede e nos envolve” (QUEIRUGA, 2005, p. 211).

Percebeu-se, com este trabalho monográfico, que o Deus do Reino anunciado por Jesus é um Deus solidário e que age sempre em favor de seu povo. Na pessoa de Jesus, o Abbá-Pai, manifesta sua grandeza e seu desejo de libertação.

O primeiro capítulo desta pesquisa mostrou a manifestação do amor de Deus na pessoa de Jesus. Cristo, com sua vida, desde o seu nascimento até sua morte e ressurreição, deu rosto e forma ao amor de Deus pela humanidade. Mesmo com a tragicidade com que findou sua vida terrena, Jesus nos mostrou que Deus não despreza nenhum de seus filhos, nos mostrou que nosso relacionamento com Deus deve ser um relacionamento livre e próximo.

O segundo capítulo tratou de elucidar o conteúdo da pregação de Jesus: o Reino de Deus. Muito mais do que apenas pregar, Jesus revelou que o Reino já está entre nós mediante seu agir libertador. O Reino é libertação. Para muitos, uma utopia, já para outros, uma certeza: Deus não compactua com o mal, e demonstrando solidariedade e zelo a toda a humanidade, envia seu Filho Jesus para nos mostrar que é possível se libertar das correntes do pecado, da opressão, do egoísmo, sobretudo aos mais frágeis e excluídos. O desejo de Deus é que seus filhos tenham vida, e a tenham em abundância. Mesmo que não possamos alcançar nesta vida a realização plena de nossa vocação, Jesus reascende em nós a expectativa de nos colocarmos no caminho do discipulado e vivermos, já agora, a atualização do Reino.

O terceiro capítulo mostrou a responsabilidade do ser humano, enquanto ser criado à imagem de Deus e dotado de liberdade, não apenas em relação à sua própria realização, mas também no que tange ao mundo criado. Jesus continua a chamar ainda hoje discípulos e discípulas a viverem e atualizarem o Reino em suas vidas. Ser pessoa na relação, viver em comunidade e construir uma sociedade justa e solidária conforma a tríade da realização humana e, conseqüentemente, da vocação cristã. São três âmbitos de um mesmo mistério que Jesus revela e, ao mesmo tempo, convoca a humanidade inteira a colaborar nessa tarefa.

Só é possível que a proposta do Reino de Deus nos alcance se nos colocarmos a caminho no discipulado de Jesus. Ser discípulo de Jesus hoje é atualizar

os valores do Reino como a solidariedade, a justiça, o amor, a fraternidade. Ficou claro que sem uma vida de comunhão com os outros seres humanos, e sem um cuidado fraterno para com a criação, o homem não será capaz de romper com as limitações que impedem o seu progresso e também o desenvolvimento da sociedade.

Diante do itinerário percorrido, realizado mediante leituras e orientações, se ilumina a certeza do amor de Deus que cria, acompanha e salva o ser humano e, com ele, toda a criação. Nas palavras de La Peña (1998, p. 73), “o amor de Deus está no começo de tudo [...], igualmente no término de tudo [...] e em todo o trajeto entre o começo e o término de cada existência humana”.

Para o meio acadêmico, permanece uma síntese cristológica em estreita relação com as demais disciplinas que dialogam com o mistério do binômio libertação/salvação humana. No campo pessoal, desponta o desafio de aprofundar este estudo tão caro para a missão de anunciar o amor libertador de Cristo às pessoas, sobretudo, àquelas que ainda não reconhecem a grandeza de sua existência diante do amor gratuito do Deus do Reino, ou aqueles que por exclusões de variadas motivações se encontram privados da vivência do Reino.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008 (Coord.: Gilberto da G. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).

BOFF, Clodovis M. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2015.

BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia da Redenção*. São Paulo: Loyola, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes: Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje*. São Paulo: Paulus, 1997.

HAERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo: Teologia Moral para sacerdotes e leigos*. v. 1. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, Papa. *O Redentor do homem: carta encíclica*. São Paulo: Paulinas, 1979.

LADARIA, Luis F. *Introdução à antropologia teológica*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016. (Coleção Introdução às disciplinas teológicas).

LA PEÑA, J. L. Ruiz de. *Criação, graça e salvação*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

LELOUP, Jean-Yves. *Livro das Bem-Aventuranças e do Pai-nosso: uma antropologia do desejo*. 5. ed. Tradução de Regina Fittipaldi; [et al]. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. *A prática do amor a Jesus Cristo*. 7. ed. Tradução de Gervásio Fábri dos Anjos. Aparecida (SP): Santuário, 1996.

O'DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. 2. ed. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 2014. (Coleção Introdução às disciplinas teológicas).

QUEIRUGA, A. Torres. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Teologia hoje).

_____. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Teologia hoje).

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Teologia Sistemática).

45

_____. Reflexões fundamentais sobre a antropologia e a protologia no conjunto da Teologia. *Mysterium Salutis*, II / 2. Petrópolis: Vozes, 1972.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.

RUBIO, A. Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Teologia Sistemática).

_____. *Elementos de antropologia teológica: Salvação cristã: salvos de quê e para quê?* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. (Coleção Iniciação à Teologia).

SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. v.2 . 5. ed. Tradução de Ilson Kayser [et al]. Petrópolis: Vozes, 2012.

SICRE Díaz, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2015.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e criação*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Livros básicos de teologia, v. 5).

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*: Três volumes em um. 2. ed. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 198

SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

JEREMIAS, Joaquim. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: 1980.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma antropologia cristã*. 3.ed. São Paulo, Loyola; Editora Teológica, 2005. p. 285.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: uma abordagem histórica*. Gráfica de Coimbra 2, 2008.

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus e Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. Trad: Luiz João Gaio, Sao Paulo: Paulinas, 1985. (Col. teologia hoje).

SOBRINO, Jon. *La identidad cristiana, Diakonía*, 1976.